

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE BELAS-ARTES



**BANDA DESENHADA COMO MÉDIUM DE
EXPLORAÇÃO**
O Perverso, o Fetiche e o Erotismo

ANEXOS

Cristiana Micaela Sequeira de Sousa Santos

Trabalho de Projeto
Mestrado em Desenho

Trabalho de Projeto orientado pelo Prof. Doutor Henrique Antunes Prata Dias da Costa

2022

ANEXO A – ENTREVISTA AO *SEX COACH* E PRODUTOR ERÓTICO, RUI SIMAS

BIOGRAFIA

Rui Simas reconhece que foi entre os seus treze e catorze anos que teve início o seu interesse pelo mundo da sexualidade, motivado por questões e dificuldades próprias da adolescência. Este interesse e curiosidade motivaram-no a estudar várias áreas relacionadas com a natureza humana – a anatomia e a biologia – e a tecnologia. Além do estudo, Simas cresceu num ambiente em que o sexo era abordado de forma natural, tanto nos seus grupos de amigos como no seu núcleo familiar. Deste modo, a sexualidade tornou-se um assunto que despertou curiosidade e interesse, permitindo-lhe ter conhecimento e abertura para falar sobre o mesmo e ser uma referência à qual recorrer para conselhos desde essa idade. O seu primeiro contacto com publicações eróticas foi através da banda desenhada que nos finais dos anos oitenta, princípios de noventa, conseguia comprar em alfarrabistas, como por exemplo, *A Colegial – A Aluna Apaixonada*, Nº11 (Palmeira Editora Lda., 1992). Entretanto, formou-se em Design Gráfico no Instituto de Artes Visuais, Design e Marketing – Lisboa, onde teve cadeiras que dedicavam parte da matéria ao estudo da sexualidade subliminar nos meios de comunicação, sobretudo na publicidade e no cinema. Durante esses anos, o universo da pornografia tornou-se também uma área de exploração, tanto a nível de conhecimentos de produção e direção, como de influências de cada época, de estilo de filmagem consoante o país, etc. Ao terminar a faculdade, trabalhou no departamento de comunicação de uma empresa multinacional, onde conheceu o antigo diretor do canal *Playboy* em Portugal. Mais tarde, dedicou-se a cursos mais especializados, como os cursos de Saúde Sexual e de *Life Coaching*.

Profissionalmente, dedicou vinte anos da sua vida à publicidade como *copywriter* e publicidade, tendo sido um dos seus trabalhos a criação de *posts* para a marca *Control* e cinco anos como diretor do canal de televisão *Hot* e diretor de conteúdos da empresa distribuidora e produtora de filmes pornográficos portuguesa, *HotGold*. Após a sua saída da empresa em 2013, trabalhou como dono de um clube libertino privado durante outros cinco anos. Simas reconhece que foi todo este contacto com o mundo erótico,

conjugado com o conhecimento científico e pragmático, que o alimentaram e o motivaram a enveredar pela vertente da criação artística multifacetada, sem em vídeo, fotografia, contos literários ou cinema, com duas curtas-metragens já realizadas, para além de eventos e performances. Atualmente, está inteiramente dedicado à área da sexualidade humana e do erotismo com o intuito de ser uma referência nesta área, através das consultas de *sex coaching*, sessões de vídeo e de fotografia, e a produção de três *podcasts*. Conta vir a concretizar brevemente um dos seus grandes projetos, a realização da sua primeira longa-metragem.

ENTREVISTA

O conjunto de perguntas colocadas durante a entrevista foi recolhido de fóruns, de *feedback* do público nas redes sociais, de estudos e da pesquisa realizada durante a preparação deste trabalho de projeto e da entrevista em questão. A entrevista aqui presente foi realizada no dia 19 de maio de 2021, por meio de videoconferência, pela plataforma *Zoom*. Por ter sido muito informal e ter durado cerca de 5 horas, é apresentado de seguida, com o conhecimento e consentimento do entrevistado, o resumo editado da mesma, a fim de retirar circunloquções e coloquialismos.

C.S.S. – «Eu gostava de começar por pedir-te para fazeres a tua apresentação: o que fazes, como é que chegaste até aqui e porquê o mundo erótico.»

R.S. – «OK. Então... Na secundária, eu estava numa escola onde passava o meu tempo constantemente a jogar basquete mas, quando passei para o 10º ano, mudei para outra onde ninguém jogava. Por isso, nessa altura, com 13, 14 anos, deixei de me distrair com o desporto e comecei a interessar-me mais por namoricos e raparigas. E como não tinha muita sorte porque não tinha jeito nenhum, comecei a passar muitos intervalos na biblioteca, em vez de estar a jogar, porque me interessei em saber como é

que eu poderia agradar mais as miúdas. Então comecei a estudar assuntos relacionados com a natureza humana, como anatomia, biologia, psicologia e também sobre temas relacionados com inovações tecnológicas. Foi isso que despertou em mim um interesse nessa área da sexualidade. Nessa altura, era mais desbravar do terreno porque eu não tinha nenhuma noção ainda do que estava à procura. Começou por dar-me umas bases muito importantes para poder falar abertamente sobre esse tema, o que levou a ser abordado por imensos colegas, na minha turma e na minha escola para falarem sobre os seus problemas íntimos. Além disso, como estava no grupo do teatro, abordava muito esses temas nos ensaios, dado que se trabalha muito com o corpo e com “verdade” das emoções, reforçando mais ainda o meu interesse. A coisa começou a evoluir, e percebi que havia muito interesse das pessoas que me rodeavam por aquilo que eu sabia, dando origem a eu querer saber mais. E depois, por acaso, ou não, a minha família sempre foi também muito aberta a falar sobre estes assuntos, sobretudo os meus avôs. Comecei a ter acesso a coisas que foram das primeiras descobertas que eu tive quando comecei a falar com pessoas sobre sexualidade. As primeiras publicações a que eu, enquanto adolescente, consegui ter acesso estavam guardadas em caixas nos sótãos dos meus avós, ou em alfarrabistas que tinham algumas publicações clandestinas. Um dos primeiros contatos foi exatamente a banda desenhada erótica.»

R.S. – (Pega numa caixa de onde tira um pequeno livro ilustrado) «Isto é da Palmeira Editora. Lda.... *A Aluna Apaixonada, a Colegial*, Nº11, de 1992. Lembro-me perfeitamente de haver obras de finais dos anos 80 e princípio dos 90 que é quando eu tinha 12, 13 anos...»

C.S.S. – «E na internet, consegue-se aceder a essas bandas desenhadas ou é difícil?»

R.S. – «Eu acho que não. Vou dizer-te uma curiosidade, que é daquelas coisas, quando uma pessoa se põe a jeito, as coisas vão acontecendo. Há cerca de 7 ou 8 anos, concorri para trabalhar numa pequena editora que queria uma pessoa para fazer conteúdos para revistas de culinária, bordados e outros. Na entrevista, depois de perceberem que se calhar eu não era a pessoa indicada para escrever sobre bolos e bordados, perguntaram-me qual era a área em que eu tinha interesse e comecei por dizer que era a sexualidade. Subitamente, o dono disse-me que tinha um projeto para fazer

uma revista sobre isso e precisavam de alguém para ajudar. Aceitei o convite, mas infelizmente aquilo não durou muito tempo. Só que, no tempo que lá estive, descobri que aquela editora era a destas bandas desenhadas e, portanto, tinham imensos livros destes e eu fiquei com alguns. Agora tenho uma caixa cheia destes pequenos tesouros que me despertaram o interesse pelo erotismo há quase 30 anos.

Porque antes da internet, isto era mesmo uma espécie de caça ao tesouro. Poucas pessoas tinham acesso a conteúdos destes, fosse em livros e muito menos em filmes. Eu, por acaso, com 12, 13 anos fui morar para um bairro novo, onde os prédios tinham [antena] parabólica e tinha acesso a canais internacionais que davam filmes pornográficos aos fins de semana, a altas horas da noite. Como tinha televisão no quarto, conseguia vê-los sem ninguém saber. Mais uma vez, quem queria saber informações sobre filmes pornográfico, procurava-me. Tudo isso continuou a aumentar a minha vontade de querer saber mais. Por essa altura, já conhecia os realizadores dos filmes por nome, os atores e atrizes, a época em que eram feitos, e até o estilo de filmagem, dependendo se eram de Itália, da França, dos Estados Unidos...

Na universidade, quando estava a tirar o curso, “calhei” num ano em que duas ou três disciplinas, nomeadamente, Leitura e Análise de Imagem, Fotografia, e outra que não me lembro agora o nome, falavam especificamente sobre as mensagens subliminares na publicidade, no cinema e até nas histórias infantis. Isso ainda despertou mais a minha curiosidade sobre o tema e desde aí nunca mais parei de pesquisar. Comecei a comprar todos os livros, revistas e publicações que podia sobre sexualidade, psicologia, arte, saúde, espiritualidade e, sobretudo, sobre o que era o erotismo, e descobri todo um universo infundável por descobrir.

Mais tarde, fui trabalhar para uma multinacional onde, por acaso, conheci o ex-diretor do canal *Playboy* em Portugal. Passados nem dois anos de estarmos a trabalhar juntos, ele foi convidado para ser diretor da *HotGold*, que era empresa distribuidora de conteúdos adultos mas que queria tornar-se também produtora. Veio-me buscar dois meses depois para ir trabalhar com ele, como diretor do recém-criado canal *Hot* [um dos vários canais por subscrição paga dos operadores de televisão]. Fui diretor desse canal durante 5 anos. Eu fazia a programação, por isso tive de ver e selecionar muitos filmes, para além de ter participado na produção e realização de filmes portugueses, onde conheci vários atores e atrizes da indústria pornográfica. Nessa altura, fiz também uma

pós-graduação em Saúde Sexual e um curso de *life coaching*, que depois adaptei a esta área. Saí da *HotGold* em 2013 e fui convidado para ser sócio gerente de um clube erótico privado em Lisboa, onde estive outros 5 anos, e onde tomei contacto direto com a verdadeira realidade dos universos eróticos secretos dos portugueses. Tudo isso foi-me ajudando a compreender melhor os comportamentos, os desejos e as fantasias das pessoas a nível sociológico, mas permitiu também poder começar a desenvolver a minha vertente artística, sobretudo através do vídeo e da fotografia, até finalmente conseguir realizar duas curtas-metragens, sempre no âmbito do erotismo. Mais tarde, quando saí, resolvi dedicar-me a esta área por completo e, portanto, agora, dou as consultas de *sex coaching*, faço sessões privadas de vídeo e de fotografia, tanto para pessoas singulares como para casais. Estou a desenvolver a minha primeira longa-metragem sobre um tema que considero muito importante, tenho 3 *podcasts* onde já entrevistei dezenas de pessoas das mais variadas áreas ligadas à sexualidade e erotismo, e estou a produzir outro de ficção também erótica. Tudo porque tenho mesmo paixão por aquilo que faço e quero ser uma referência nesta área.»

(R.S. partilha *site* onde se encontram 2 livros que considera serem úteis para o trabalho.)

R.S. – «Porque já percebi que tens interesse particular em banda desenhada, estes são dois volumes do *Erotic Comics*, um compêndio da banda desenhada erótica, desde o seu início até aos anos 70, e depois desde os anos 70 até ao século XXI.

Falando agora sobre psicologia, considero que as disciplinas com definições muito específicas sobre a sexualidade têm tendência para ser demasiado fechadas em si mesmas. As parafílias, por exemplo, *A História d'O* [Anne Cécile Desclos, pseudónimo Pauline Réage, 1954], é uma das principais referências sobre a submissão feminina, escrito por uma mulher. Pode ser analisado como um texto escrito por algum descompensado ou louco. Mas para mim, o que é extraordinário é a capacidade que ela teve de mostrar que aquilo que considerava amor, prazer, entrega e paixão é aceitar tudo, de “bom” e de “mau”, em prol dessa quimera. Sempre com a ressalva que isto não acontece no plano real, mas sim no plano erótico e fantasista. Portanto, o que esta história revela é que o amor erótico pode ser o desapego total do corpo, da mente, do espírito e até da vida. Algo que é ao mesmo tempo fascinante e assustador.»

C.S.S. – «Isso não é parecido com *O Império dos Sentidos*, de certa forma?»

R.S. – «*O Império dos Sentidos* é diferente porque é sobre uma paixão avassaladora que aceita tudo com uma determinada pessoa, mas não aceita mais nada, não aceita que a pessoa esteja com outras ou que goste ou olhe para outras. É uma paixão focada numa relação fechada, exclusiva. Não há mais nada no mundo. “Somos só nós dois para sempre e a prova de amor é eu para ti e tu para mim”. *A História d’O* não. É uma carta de desejos e de predisposição para fazer tudo. O que ela diz é: “Eu estou disponível para ser violada, espancada, usada até, por outros, desde que sejas tu a dizer-me para isso me acontecer. Eu até aceito casar, viver com outro, porque foste tu que quiseste que eu fizesse isso”. Passa a ser uma ligação quase meramente espiritual, em que “estamos num ponto completamente distantes um do outro, mas eu só estou a viver esta realidade porque tu me disseste para vivê-la ou porque quis vivê-la por ti”.»

C.S.S. – «Já agora, qual é o *feedback* que essa obra recebe? O que, no geral, acham dela? Aceitam-na? É arrasada por críticas? Como é que é?»

R.S. – «É sempre chocante. Quando são mulheres a escrever, sobretudo depois de tantos séculos onde só se leram visões masculinas do sexo, é sempre uma coisa surpreendente e que cria muito fascínio. Há outra obra, muito mais recente, que é *A Vida Sexual*, de Catherine Millet, também escrito por uma mulher, mas onde ela viveu realmente aquilo que descreve. Ela era diretora de uma revista conhecida em França e aquilo foi um choque, que surpreendeu o público, mas que não o repudiou.

Mas se *A História d’O* é sobre submissão feminina, a obra *A Vénus das Peles*, escrito por Leopold Sacher-Masoch – de onde derivou o termo “masoquismo” – é sobre a submissão masculina, ou dominação feminina, como preferirmos ver a coisa. Este livro, tal como *A História d’O*, dá a entender que a submissão é, na verdade, uma posição de poder. Há muita coragem no ato de entrega, no suportar da dor e no desapego. Há imensa força naquilo que pensamos que é frágil. As pessoas que o fazem têm consciência do que estão a fazer. Há muito poder em submetermo-nos a coisas que não controlamos, mas que sabemos que estão a acontecer por nossa causa e não apesar de nós.

Outro livro que é fundamental para perceber esta temática é *A Filosofia de Alcova*, do Marquês de Sade. É quase uma peça de teatro sobre o facto das parafilias

fazerem parte da nossa sexualidade, porque somos todos humanos. A nossa humanidade é feita de descoberta do que não sabemos, se gostamos ou não, que achamos à mesma horríveis e que na nossa vida normal não aceitamos, mas que, na nossa vida privada, até sim porque estamos a controlar.

Exemplificando, a ideia da violação está muito integrada na cabeça das mulheres porque, na sua cabeça, é controlado, não é “qualquer um pode saltar-me para cima”. É: “na minha cabeça, eu posso abrir os olhos e acaba. Eu não estou descontrolada, estou a perceber o que me excita nisto”. Tenho um livro sobre isso, *Uma História do Desejo Feminino* [DYHOUSE, Carol, 2016]. É uma análise feita por uma psicóloga feminista que tentou perceber se o desejo feminino foi sempre igual e coerente ao longo do tempo ou se tem tido grandes variações. E não, tem seguido sempre os mesmos padrões. Essa ideia da violação, por exemplo, tem inerente a ideia de que “há alguém que me deseja tanto que não se consegue conter”. Mas para isso, tem de ser alguém que esteja ciente das regras do jogo. Porque todo o sexo é um jogo de poder. Se não for um jogo, se não houver nenhuma regra, se não houver nenhum limite, há mais probabilidade das coisas correrem muito mal. O problema é que quando se fala disto publicamente e só se diz que as mulheres têm a fantasia de ser violadas, parece que querem ser violadas por qualquer pessoa em qualquer momento.

Há pouco tempo, fui ver uma peça de teatro imersivo sobre a *Alice no País das Maravilhas*, que fala sobre a história real por trás da obra. Pelo que se sabe, a obra foi escrita, sob pseudónimo, por um tutor de duas irmãs que, na altura em que as máquinas fotográficas eram uma novidade, costumava tirar fotos a crianças, nuas, regularmente, inclusive com consentimento pelos pais. Ao desenvolver uma relação mais íntima com uma dessas crianças, ficcionou tudo no universo metafórico do “país das maravilhas” e por isso é que essa história tem tantas conotações sexuais, porque fala sobretudo sobre a curiosidade erótica de uma criança. *O Feiticeiro de Oz* também tem a ver com uma jovem rapariga que não se sente bem no sítio onde está porque ainda é tratada como uma criança, e que vai para outro lugar onde descobre que é capaz de fazer muitas coisas sozinha, onde é mais corajosa do que todos, onde até mata uma bruxa má, onde enfrenta os seus medos e desmascara um feiticeiro mas afinal não é. Toda uma descoberta do poder de uma mulher em relação ao universo que a rodeia. A Wendy do Peter Pan é uma outra vertente, é o lado maternal. Ela é “mãe” dos seus irmãos mais

novos, depois dos meninos perdidos e é ela que tenta trazer o Peter Pan para o mundo dos adultos, mas ele não quer (porque o lado infantil dos homens está sempre em conflito com o lado maternal das mulheres).

Mas em relação a banda desenhada, tenho aqui três [artistas] italianos e um francês. Milo Manara, conheces?»

C.S.S. – «Sim, ainda estou a considerar qual será a melhor obra dele para tratar. Mas não sei se o hei-de considerar no fetiche ou na perversão.»

R.S. – «Acho que é mais da perversão que no fetiche. Todos os livros dele são sobre perversidades. Este livro, um dos mais famosos dele, *Il Gioco* [em português, *O Clic*], é sobre alguém que inventa uma máquina que faz com que as mulheres fiquem completamente loucas de desejo onde quer que estejam. Ou seja, é como se fosse um comando à distância. Um indivíduo que hipnotiza as mulheres e quando ele aciona essa máquina, elas, onde quer que estejam, sejam quem forem, começam a querer ter sexo com tudo e todos.»

C.S.S. – «Então e Tom of Finland é o quê?»

R.S. – «É o universo *gay* fetichizado porque é um universo específico, em que há muito couro, uniformes, corpos idealizados, pilas gigantes. Nessa vertente mais fetichista, mas não *gay*, tens o Guido Crepax, que criou a personagem *Valentina*, um pouco surrealista, e também desenhou algumas histórias de Marquês de Sade, nomeadamente *Justine*. Esse então é um livro completamente perverso, subversivo até. Foi o livro mais libertino que li, ainda muito novo. O subtítulo é *Os Infortúnios da Virtude* porque todo o livro é sobre ela acreditar na virtude das pessoas e por isso ser usurpada por toda a gente, desde os mais nobres aos mais religiosos, sejam homens ou mulheres. Um livro difícil de digerir, como quase todos os livros do Sade.»

C.S.S. – «Já abordámos a parafília da violação, a explicar o que passa pela cabeça dos intervenientes, a complexidade do assunto. Mas podemos começar por: na área da sexualidade, o que é que as mulheres e os homens procuram? Géneros diferentes procuram coisas diferentes? Analógica e metaforicamente, os focos de interesse do respetivo género equiparam-se às suas zonas erógenas? Por exemplo, conteúdo erótico

produzido por homens é mais focado no envolvimento sexual, penetração e coito? Conteúdo erótico produzido por mulheres é mais focado no envolvimento pré sexo, preliminares e outras práticas sexuais sem ser penetração?

R.S. – «O que entendo da sexualidade humana é que somos muito mais parecidos do que diferentes, temos mais interesses em comum do que diferenças. Mas, temos muitos interesses distintos que se definem por género, mais masculinos e mais femininos. Mas a maior parte, são semelhantes. Se os conteúdos maioritariamente produzidos por homens só fossem consumidos por homens, rapidamente se esgotavam as ideias. No entanto, são muito consumidos por mulheres. Há mulheres que adoram cenas de *gangbangers*¹, cenas mais violentas, cenas de humilhação feminina até, e há homens que adoram cenas mais romantizadas, mais afetuosas, com mais cuidado estético...»

C.S.S. – «E esses exemplos, são exceção à regra ou são regra?»

R.S. – «A regra é gostarmos mais ou menos da mesma coisa, gostarmos um pouco de tudo. O que foge à regra e define as identidades de género é que há muito mais homens a estimularem-se com coisas mais pragmáticas, mais explícitas, mais visuais. Eles querem ver a coisa a acontecer e não tem necessariamente que ser o coito, pode ser uma mulher a fazer um *striptease*. Tem que ser uma coisa gráfica, que estimule a parte visual, que é uma condição de género: nos homens, os estímulos visuais provocam muito mais sinapses cerebrais que ativam a produção de testosterona, dopamina e serotonina. Nas mulheres, isso não é tão direto. O que é mais determinante na sua estrutura cerebral é a glândula pituitária, que rege grande parte do seu ciclo hormonal e que é muito mais recetiva a emoções e sensações do que propriamente a estímulos visuais, é mais complexa. Mas isto é o que define as exceções, porque, como disse, normalmente as pessoas gostam quase todas das mesmas coisas. Tentei perceber isto, fazendo um inquérito à audiência do canal que eu dirigi. Descobri que a maior parte via em casal e quando perguntei o que preferiam, houve respostas de um bocadinho de tudo, tanto eles como elas. É equiparado. Mas, quando analisamos as diferenças, há muito

¹ Palavra estado-unidense que designa membro de gangue criminoso, especialmente um que se envolve em violência. “*Gangbanger*”, in *OxfordLanguages* [Em Linha], 2021. Disponível em URL: <https://languages.oup.com/google-dictionary-en/> [Consult. a 6 de julho de 2021]

mais mulheres que gostam de produtos com mais história, mais romance, contextualização da situação e há muito mais homens que gostam de cenas com contextos mais simples e com a ação mais *hardcore*². Há essa percepção. Por isso é que isto tem piada. Se fôssemos todos iguais, se fosse mesmo possível chegar a toda a gente da mesma maneira, as pessoas só viam o missionário, ou só viam cenas de pés e ponto final. É esta disparidade de critérios e visões que torna tudo mais interessante.

Outro detalhe importante é que, quem visiona as cenas de sexo, normalmente põe-se no lugar do seu equivalente, e se quem está a atuar não corresponder à fantasia idealizada por quem está a ver, não há excitação para ninguém. Não tem piada nenhuma se não acreditarmos na razão das pessoas estarem ali, de estarem a fazer o que estão a fazer e se estão realmente a ter prazer. Tudo isso está a ser projetado nos atores por quem está a ver. Por conseguinte, homens e mulheres vão gostar da mesma cena, ou não, se o que está a ser apresentado para os dois sexos corresponder àquilo que nós quisermos que corresponda. E o que acontece muitas vezes na pornografia feita por homens é que se está a borrifar um bocadinho para a mulher. Por isso é que muitas mulheres não gostam de ver a pornografia feita por homens, porque eles não têm em consideração a posição delas. Eles simplesmente colocam a mulher na posição que eles idealizam.»

C.S.S. – «Mas isso então leva a outra questão. Porque é que então, quando se trata de pornografia, o homem normalmente não aparece?»

R.S. – «Porque não interessa.»

C.S.S. – «Mas se os homens se projetam nele, porque é que não aparece?»

R.S. – «Porque ao ver pornografia, os homens não se projetam no homem/ator, projetam-se no seu órgão. Basta vê-lo para estarmos projetados. É isso que todos os homens anseiam: ter um órgão funcional e um desempenho fenomenal. Não é ser musculado ou bonito ou feio...»

² Um dos significados da palavra é pornografia de tipo muito explícito ou extremo. “*Hardcore*”, in *OxfordLanguages* [Em Linha], 2021. Disponível em URL: <https://languages.oup.com/google-dictionary-en/> [Consult. a 6 de julho de 2021]

C.S.S. – «As mulheres focam-se mais nisso...»

R.S. – «Exato, por isso é que, quando estamos a ver um filme pornográfico, para um homem que se está a por na posição do *performer*, o que interessa é que ele tenha o desempenho que desejaríamos ter para que ela tenha o prazer que nós desejaríamos que uma mulher tivesse. Aceitamos essa realidade e aceitamos essa ficção de que ela está mesmo a sentir prazer – apesar de muitas vezes não estar, porque é simulação, mas aceitamos quando o filme está bem feito. As mulheres gostam de ver uma mulher numa posição em que ela está consciente daquilo que está a fazer, a gostar daquilo que está a fazer, com uma pessoa que lhe está mesmo a dar prazer e essa é a posição que os homens normalmente esquecem de evidenciar quando estão a fazer pornografia da perspetiva masculina. Essa é que é a lacuna que acho que existe na pornografia feita por homens. No entanto, também perguntei no tal inquérito que fiz aos subscritores do meu canal, sobre a pornografia feita por mulheres para mulheres. Pedi também a algumas amigas que vissem esses filmes e me dessem *feedback*, e o que me responderam foi: “Acho muito bem que ela [a realizadora] tenha escolhido mulheres normais, com celulite, corpos diferentes, etc., e o sexo ser real e apaixonado, afetuoso e romântico, mas nada daquilo me excita”. Porquê?»

C.S.S. – «Porque não é idealizado, não tem a parte da fantasia.»

R.S. – «Exato. Está-se a tornar o sexo demasiado realista e não queres estar num momento de intimidade que parece real. Parece que estás a entrar no quarto de alguém... chegas lá e dizes “Desculpem lá, não queria interromper”. O que essas amigas me disseram foi que o que sentiram com essa pornografia foi exatamente o peso desse estereótipo feminino: tem de estar tudo perfeito, tem de estar tudo bem, tem de estar tudo o mais idílico possível. E isso não é *sexy*, não é sexual, não é estimulante, não é excitante...»

C.S.S. – «Hoje em dia, por causa do empoderamento feminino, há mulheres que têm diariamente uma luta interna entre os seus gostos e princípios pessoais, pois sentem culpa por praticarem algo ou terem um certo tipo de atitudes ou de pensamentos. Por exemplo, gostar de ser submissa na relação sexual. Existe a ideia errada que ao gostar-se ou preferir-se isto ou outras determinadas coisas, quer dizer que essas mulheres estão a

incentivar e a dar continuidade a algo que sempre ocorreu e que deve ser batalhado – submissão da mulher ao homem. Só que estas mulheres estão a posicionar-se. Estão a dizer “Nós queremos isto, não está a ser-nos imposto”. Isto é uma forma de empoderamento feminino. Só que há ainda quem não entenda.»

R.S. – «Eu estudo estas coisas e estou a dizer isto com conhecimento de causa. Sou feminista, percebo a luta feminista, a luta da igualdade. Mas a luta pela igualdade sexual é paradoxal no universo feminino porque para que fosse realmente equilibrada, os homens tinham que querer o mesmo que as mulheres. E é um paradoxo porque, ao mesmo tempo, quase se anula a diferença – toda a gente gosta da mesma coisa, quer a mesma coisa, temos todos os mesmos desejos. Mas na verdade, não. Querer ter tudo ao mesmo nível é paradoxal, é impossível. Não podes ser santa e libertina ao mesmo tempo, uma dominadora e uma masoquista ao mesmo tempo. Podes ser isso tudo, mas não ao mesmo tempo, não da mesma maneira. Sim, toda a gente tem potencial para ser tudo, mas querem ser tudo? Há muitos paradoxos nessa luta feminista porque uma coisa é lutar pelos direitos legais e políticos, é um objetivo que é conquistável. Outra coisa é querer que as pessoas olhem para a nossa realidade como nós queremos que ela seja, que é total. O diálogo que está hoje em dia em cima da mesa é exatamente esse: qual é o nível de opressão que as pessoas podem aceitar ter.

O universo masculino tem reagido desta forma: “apesar de podermos ser oprimidos, e a realidade dos homens é de grande violência desde muito cedo – somos oprimidos e violentados só porque temos óculos ou dentes tortos ou porque não sabemos jogar à bola ou seja o que for e quando tentamos conquistar a nossa posição, não é com conversa ou choro, é com violência também e temos de nos fazer valer”. E as mulheres não têm isso, têm mais a atitude de recorrer ao choro, por exemplo, que é, em si, uma chamada de atenção que causa empatia. Esse poder de “se eu chorar, tenho essa ajuda” é a mesma coisa que “se eu bater em alguém, vou ser mais respeitado”. É o mesmo nível de poder em dois componentes diferentes e isso está muito representado na sexualidade e na pornografia. Os arquétipos do violentador e da vítima são explorados ao máximo nas representações sexuais. No entanto, há uma ressalva importante que muita gente não compreende (ou muitas vezes não quer compreender): os homens podem gostar de ver mulheres em situações degradantes na pornografia, mas não é isso que os excita na vida real, da mesma forma que as mulheres podem ver cenas de

violação e não quererem ser violadas. Todos temos os nossos cantos obscuros e tanto a pornografia como o erotismo servem para podermos entrar nesses cantos de forma ficcional e controlada. E a verdade é que os homens acabam por respeitar e valorizar as mulheres que aceitam sujeitar-se a tudo, e as mulheres valorizam e glorificam os homens que sabem e são capazes de lhes fazer tudo. Como disse, são tudo jogos de poder, onde o poder está em ambos os lados, sempre com regras implícitas, e onde as ações e as atitudes despertam estímulos diferentes em sexualidades diferentes. Quando homens e mulheres estão equilibrados na sua sexualidade e não a querer ser iguais, elas são mais valorizadas, porque estão a expressar as suas fantasias ao mesmo nível que eles, sem juízos de valor. Paralelamente, as prostitutas, por exemplo, sabem muito bem distinguir quando estão ao serviço e quando não estão: enquanto prostituta, está disponível para aceitar os pedidos dos seus clientes, porque pôs a sua sexualidade ao serviço de outros, mas isso não significa que é uma oferecida, porque tudo faz parte de um jogo de poder onde as personagens estão bem definidas, não é a vida normal onde as coisas acontecem casualmente. Também há a diferença das circunstâncias. Uma prostituta de rua é vista como uma coitada que não teve outra opção na vida, enquanto as prostitutas dos círculos endinheirados são respeitadas e influentes, tal como aconteceu durante o Estado Novo, por exemplo.³

As únicas sociedades que vêem os homens e as mulheres como iguais vêem-nos apenas como trabalhadores ou carne para canhão nas guerras, portanto, assexuados.

Há imensas condicionantes na existência de cada um. Mesmo que nada mais seja diferente, há uma que influencia imensamente: a mulher é cíclica – o corpo vai-se transformando e as reações químicas variam. Os homens são sempre iguais, nada no corpo muda. Nada em nós nos influencia a mudar o pensamento ou atitude. Há um livro que me fez pensar imenso nisso, que se chama *João de Ferro* [BLY, Robert, 1990] e que analisa a realidade masculina em que, nas comunidades mais antigas, como não há nada na existência dos homens que defina a passagem de crianças a adultos, tal como a menstruação nas mulheres, então criaram-se rituais, que eram provas de capacidade física para ter uma responsabilidade perante a comunidade, o peso dos antepassados de

³ A título de curiosidade, sugere-se a visualização da série televisiva *Ballet Rose – Vidas Proibidas*, de Francisco Moita Flores (1997). Moita Flores ainda concedeu uma entrevista onde fala um pouco sobre a sua obra, disponível em URL: <https://sol.sapo.pt/artigo/593591/moita-flores-para-exibir-a-serie-tivemos-que-esperar-a-morte-de-um-sacerdote-> [Consult. a 8 de julho de 2021.]

defender as próximas gerações. Essas sociedades patriarcais estavam assentes em histórias de homens contadas aos homens.»

C.S.S. – «Por isso se impõem os limites na área sexual, “tu só serves para a multiplicação da espécie”? Nada de prazer?»

R.S. – «Não, isso também é muito limitado. Nem a Bíblia nem o Corão nem o Tao tinham essa visão fechada da sexualidade. São alegorias, tais como os contos infantis. São simbólicas, para se perceber os prós e os contras dos comportamentos. Sim, algumas dizem que se deve agir duma forma, mas são, no geral, indicações. Se se for demasiado extremista, leva-se demasiado à letra e aí, há imensas limitações. Aliás, em certas religiões, as mudanças ocorreram por questões de sexo. Sabemos que o ser humano é complexo e cada um escolhe o seu inferno e o seu céu, mas dizer que as religiões só servem para restringir a sexualidade é muito redutor. Elas criaram regras para ajudar as pessoas a terem eixos por onde se orientar e encontrar equilíbrio, todas usam alegorias que servem para balizar o pensamento. Nitidamente, homens e mulheres têm visões diferentes da realidade, necessidades diferentes quanto à sexualidade, expectativas diversas quando vêem pornografia ou lêem livros eróticos, mas a maior parte delas são semelhantes e tocam-se.»

C.S.S. – «Existe relação entre o sexo/libido e a violência/agressividade? Porquê/Porque não?»

R.S. – «Essa é uma das questões mais debatidas pelos filósofos, inclusive por Freud. A questão do Bem e do Mal, do Prazer e da Dor, a procura de emoções fortes é uma das regras mais inerentes à sexualidade.

No universo BDSM, eu não conseguia perceber como é que as pessoas podiam atingir o clímax através da dor, mas há nitidamente uma ligação na cabeça dos participantes com a maneira como entendem a vida, que os leva a querer perceber até onde é que a vida os pode levar. Não é por acaso que existe a definição de “pequena morte” para orgasmo. Porque é a abnegação do corpo e da mente, é desprenderes-te completamente de tudo e o que percebi no mundo do BDSM, e depois no Tantra, que estudei durante dois anos, foi que as pessoas procuram essas sensações da exponencial transcendência da consciência. Umas através da dor, porque anulam a consciência

através da parte física: o corpo lateja, reage, sua, libertando um caos de emoções. O mesmo acontece quando estás a dançar Kundalini [*KundaliniShakti*, dança alquímica, que faz parte do *Kundalini Yoga*, a dança como ferramenta de cura] e libertas uma energia brutal, em convulsões, a libertar emoções pesadas, como se fosse um exorcismo energético. O prazer e a dor são duas reações que produzem reações químicas no corpo, que te fazem sentir vivo, esse é o ponto comum. E as duas podem levar-te à ‘morte’..»

C.S.S. – «Existe um limite para o ‘sexo *hardcore*’?»

R.S. – «É muito fácil entrar pela generalização de que tudo tem de ter limites. Sim, mas não sou eu que vou ditar os teus limites nem és tu que vais ditar os meus, cabe a cada um. E se cada um quiser testar os seus limites, há muito a descobrir. Considera a objetividade da sexualidade masculina: na casualidade de o sexo ser sexo de uma noite só, o que interessa é que a mulher seja excitante, seja estimulante fisicamente e para isso é preciso que seja agradável à vista – e isto não tem que ver com padrões de beleza, tem de ser e ter aquilo que eu aprecio e todos os homens gostam de mulheres diferentes. O outro fator é que esteja a acontecer porque ela está a gostar, está a ter prazer e que faça o homem sentir prazer e vontade de lhe dar ainda mais prazer.

Para as mulheres, não é isso. Para elas é: ele tem de merecer que ela se disponibilize e se vulnerabilize, ela tem de confiar nele, que não a vai maltratar. E se for giro, é bônus.

Isto são dois posicionamentos diferentes. A partir destes pressupostos, ele merece confiança e é giro e ela é atraente e simpática, os limites podem ir mais além e fazer-se coisas diferentes, para ir experimentando. A partir do momento em que cada um está confortável, não há limites nenhuns e a pornografia é um pouco exemplo disso: ela concretiza utopias. Não podendo materializar todas as fantasias no mundo real, é útil poder vê-las a concretizarem-se noutra realidade, mesmo que paralela e ficcional. Há uma pequena catarse nessa observação.»

C.S.S. – «Mas não é frustrante para os consumidores de pornografia, estar longe e distante da sua realidade?»

R.S. – «Bem, a opção é: ter isso ou nada. “O sexo não acontece porque eu quero. Não posso ir buscar uma pessoa ao meio da rua e trazê-la para aqui para ter sexo

comigo. Tenho de a conquistar. Isso leva tempo, dá trabalho e não há certeza que resulte.” Para além disso, as pessoas não podem viver as fantasias todas que têm: não podem ter sexo com o vizinho casado, ou com a mãe/filha da mulher ou as/os colegas do filho. No mundo da ficção podes realizar tudo e, portanto, não há limites. O erotismo é a possibilidade de criar histórias sem limites porque na nossa imaginação ainda ninguém manda.

Outra coisa que está em jogo é a diferença do que cada um considera ultrapassar limites. Os japoneses, por exemplo, vivem numa sociedade tão condicionada que não admira terem imaginação para criar as naus diversas realidades paralelas. Por exemplo, lá [no Japão], há casas de namoradas [clubes de *rent-a-boyfriend/rent-a-girlfriend*] e casas de massagens específicas só para fazer conchinha e massajar os lóbulos das orelhas. Para as pessoas que frequentam esses lugares, fazer qualquer uma dessas coisas pode ser *hardcore*, pode ser ultrapassar um limite. O que é *hardcore* e o que é fora do comum é sempre relativo, é subjetivo, tem a ver com as nossas próprias realidades. Por isso, na verdade, acho que não há limites.»

C.S.S. – «E parafílias? Ao produzir-se conteúdo erótico, como é que o criador deve lidar com o tema?»

R.S. – «Como lida com qualquer outro tema porque o mundo da ficção não deve ter limites. É o nosso imaginário. Eu luto com isso todos os dias: o que é que eu quero transmitir às pessoas que vêem o que eu faço? A noção dos limites de cada um pode ser uma luta diária. Por vezes, imagino que os criadores dos livros tenham pensado mil vezes: “será que as pessoas que leem os meus livros acham mesmo que eu faço ou fiz estas coisas ou gosto disto?”, mas ainda assim, ultrapassam isso e escrevem os livros. Se se quiser explorar uma determinada parafília, determinado tema, temos de ter coragem para fazê-lo, se for interessante para nós. As grandes parafílias, em princípio, só podem existir no meio da ficção.»

C.S.S. – «Estou a lembrar-me de ter visto o filme *365 Dias* e, depois, de ter lido os comentários sobre o mesmo. As pessoas criticaram-no porque achavam que era a glorificação da síndrome de Estocolmo e fez-me pensar que se estava a exigir que o filme tivesse um pendor pedagógico ou moralista, em vez de o aceitar como um fetiche,

uma obra erótica. Então, surgiu-me a questão – será que o criador deve ter em conta esses aspetos quando está a produzir?»

R.S. – «O impacto que aquilo que criamos vai gerar é uma incógnita. Não sabemos o que vai acontecer. As pessoas podem gostar mas obviamente, nunca não vão gostar todas. O que sinto a ver *365* ou *As Cinquenta Sombras* é que toda a gente vai apontar o óbvio: um homem que persegue uma mulher. Mas o que me interessa é se o livro ou o filme serviu o seu propósito, excitar as pessoas. Não interessa se é bom ou mau.»

C.S.S. – «O objetivo das obras eróticas é esse, não é passar uma mensagem moralista.»

R.S. – «Mesmo quando as histórias têm uma conotação mais nociva ou negativa em relação às relações entre homens e mulheres ou em relação às sexualidades, o próprio debate é útil. O universo erótico das pessoas não se faz com tudo acertado, à primeira. Vai-se falhar sempre e é essa falha que nos vai ajudar a fazer o *fine tuning*, para que percebamos, naquela história, o que despertou o erotismo. Se estivermos despertados para o nosso erotismo e para a nossa realidade, literalmente tudo pode ser erótico. Essa é que é a parte interessante, irmos descobrindo através dessas histórias, mesmo as que não são tão boas. Eu aprendi imenso, quando estava na fase da descoberta da sexualidade, com as comédias românticas para adolescentes. No meio da parvoíce, havia questões que eu ficava a pensar “Pois é, nunca tinha pensado nisto”. De todo aquele filme, eu tirei aquela frase ou aquela pergunta que me fez questionar a mim próprio. Há uma utilidade para isso, sem ser necessário receber o Óscar sempre que fazes algo.»

C.S.S. – «Poderá a escolha e interesse por certo tipo de conteúdo erótico ser um indicador de distúrbios mentais, desvios comportamentais e/ou traumas do leitor?»

R.S. – «Pode e não pode. Pode porque há pessoas que vão consumir mais coisas porque lhes interessa e têm essa propensão. Acredito que haja muito consumidor de ficção fetichista porque não consegue realizar os seus fetiches. Mas também acredito que há muita gente que procure esse conteúdo por curiosidade, para perceber se

consegue lidar com esse tipo de realidades, mesmo que não tenha experiência ou tendência para isso. Que queira deixar a sua realidade mundana para perceber o que é que a estimula, o que pode ser diferente ou o que pode acontecer. Não tem necessariamente que ser uma tendência da pessoa.»

C.S.S. – «Adicionei aqui um exemplo, a obra *Painter of the Night*. É um romance homossexual em que o leitor segue uma relação de síndrome de Estocolmo e a personagem principal é violador, abusivo, a definição do mal. Quando lemos o *feedback*, as pessoas sentem-se mal por se sentirem atraídas por essa personagem que é assumidamente vilã. Surgem logo as questões: será que eu tenho um problema por me sentir atraído/a por esta personagem e gostar dela? Porque é que o ser humano se sente sexualmente atraído por uma personagem com características tóxicas e/ou assumidamente vilã?»

R.S. – «Viste o filme do *Joker* [PHILLIPS, Todd, 2019]?»

C.S.S. – «Sim.»

R.S. – «Uma das coisas que é inerente a contar uma história é que te pões na posição do protagonista, seja ele bom ou mau. Vais perceber a razão dessa personagem ser como é, e tudo vai ser justificado, normalmente por traumas passados, com que é fácil ter empatia. É o poder das histórias, tu pões-te na posição de quem tem mais justificações, de acordo com a tua mentalidade. Um dos críticos do *Joker* disse algo muito interessante: “Quando somos jovens, admiramos os heróis e quando somos adultos, compreendemos os vilões”. Porque a vida não é fácil. Quando alguém tem atitudes, que nós, na nossa cabeça, de vez em quando, gostaríamos de ter mas não somos capazes, acabamos por admirar essa pessoa, por muito violenta que seja. Todos nós temos essa complexidade de sentimentos e se nos justificarem bem o suficiente, podemos mesmo sentir empatia por um criminoso, porque há uma parte de nós que é capaz disso. Se tudo fosse possível, havia muito mais ladrões, terroristas, assassinos, violadores. Mas como temos estes constrangimentos sociais, psicológicos e culturais, preferimos andar mais certinhos. Há imensa gente que, ao fim do dia, chega a casa e vai jogar jogos violentos e mata toda a gente. Estás a torná-lo um assassino? Não, mas tem um dentro dele, de certeza. Há pessoas que querem pôr-se nessa pele porque têm essa

característica mais relevante no seu espírito, ou só está lá para perceber o que um psicopata pensa. Se queres contar uma história que te inspirou ou tem um *twist*, claro que vais contar e a tua preocupação não pode ser se vai reforçar a tendência. As notícias reais fazem mais isso e não as param.»

C.S.S. – «Muitas das críticas que fazem é que são os filmes, os livros e os jogos que incentivam à prática do mal. Como existem estas temáticas que as pessoas consomem livremente, é isso que as move.»

R.S. – «Se não houvesse nenhum livro e nenhum jogo, como já houve durante imenso tempo na nossa história, haveria gente a matar e a morrer na mesma. São só bodes expiatórios. Como a pornografia, que há muita, boa e má, mas que nunca serviu para ser educação sexual de ninguém.»

C.S.S. – «Mas porque exigem que a pornografia tenha a parte da educação sexual?»

R.S. – «Porque não há a outra [produção pedagógica sobre sexo]. Só há esta, que nunca foi nem nunca vai ser. Como dá muito trabalho educar e informar, permanece apenas a pornografia que se critica e deita abaixo.»

C.S.S. – «Qual é exatamente o processo mental por detrás dos papéis dominador/submisso? O processo mental varia conforme o género?»

R.S. – «Acho que cada um tem o seu. O livro de Masoch e a *História d'O* explicam muito bem o que leva uma pessoa a submeter-se a ou a dominar alguém. Vai tudo dar ao mesmo: no prazer, as pessoas querem entregar-se e querem ter confiança que a outra pessoa lhe vais dar prazer. Essa entrega, essa vulnerabilidade é o maior segredo. Como chegas a esse ponto, tem muito a ver com a interação. Ou já és submissa à partida ou crias essa vontade de te sujeitares a que o outro te parta o coração ou a boca. É uma questão de sedução, de conquista, de entrega, de autoconhecimento, tudo processos muito pessoais e que não dá para definir. O ponto fulcral do erotismo é a descoberta e é importante continuar a haver vozes a fazer coisas diferentes. Por exemplo, eu não falo muito nas redes sociais porque custa-me imenso estar a colocar os meus pontos de vista na cabeça dos outros. Sei lá de onde vêm ou para onde vão. Prefiro

colocar uma pergunta e ter mil respostas do que o inverso. Não quero uma resposta para uma realidade que é infinita. O que hoje pode ser assim, amanhã pode ser assado.»

C.S.S. – «O processo mental que ocorre durante um ato sexual pode equiparar-se àquele que ocorre durante um ato de violência?»

R.S. – «Freud fala nisso. Quando as crianças muito pequenas vêem um ato sexual, muitas vezes confundem-no com um ato de violência porque não há a conceção ou a consciência do prazer. Se uma pessoa está a impor o seu corpo a outra, está a haver um ato de violência. Eu acho que há correlação entre esses dois componentes.

Acho que o processo mental não é o mesmo e está relacionado com o género. A predisposição que um homem tem de ter para um ato sexual é introduzir o seu membro no corpo da outra pessoa e a violação da sua integridade física é quase nula, não tem de se preocupar com isso. Uma mulher tem de estar predisposta a que haja uma violação da sua integridade física, a que uma coisa entre dentro do seu corpo. Muito inerente à sexualidade feminina está a questão da dor que, em princípio, vai existir sempre em algum grau, seja por via da menstruação, da gravidez ou do parto, e acho que essa ligação entre o prazer e a dor está mais embutida no género feminino do que no masculino. Mesmo falando de *gays*, há uma diferença muito grande entre os passivos e os outros. Estes não estão tão dispostos a ser passivos. E os passivos também não ficam muito confortáveis no outro papel. Há mesmo uma diferença muito grande entre estar predisposto para sentir algum tipo de dor ou só para ter prazer.»

C.S.S. – «Porque é que o ser humano quer e/ou gosta de consumir e explorar conteúdo erótico – violento que não quer que aconteça em situações reais da vida, como, por exemplo, a violação?»

R.S. – «Porque na ficção podemos viver todas as realidades em segurança e por isso é que é importante que exista. Por exemplo, rodeamo-nos de livros para nos rodearmos de universos em que podemos viver as coisas que não vivemos na vida real. E o ser humano tem a componente de violência, raiva, brutalidade que precisa libertar de dentro de si. Já viste o filme *Irreversível* [NOÉ, Gaspar, 2002]?»

C.S.S. – «Não estou certa...»

R.S. – «A personagem principal é violada. Há vários filmes com cenas de violação, mas há uma diferença entre ver um filme erótico para nos excitarmos e/ou ver um filme erótico para sentir qualquer coisa de mais profundo, mas que nunca iríamos querer sentir na própria pele.»

C.S.S. – «E será que ao saber-se que é simulação ou *roleplay* traz atitudes e reações distintas?»

R.S. – «Acho que sim.»

C.S.S. – «Porque é que isso acontece? A pessoa sente-se mais confortável em saber que não está a acontecer e, portanto, permite-se explorar mais o tema?»

R.S. – «Claro, claro. Tudo isso tem a ver com distanciamento, filtragem, com o mundo das imagens e o mundo real. O mundo das imagens é uma criação e quando estamos a criar esse mundo, somos Deus. As personagens vivem e morrem, sofrem e ganham porque nós, criadores, queremos. As pessoas que consomem o que criamos são Adão e Eva que estão a ver a nossa criação e a pensar que é boa, que interessa ou não. Se interessar, vão lá morder a maçã. Só isso, é só isso.»

C.S.S. – «Ao estarmos a criar conteúdos “maus”, não estamos a correr o risco de estar a incentivar, a romantizar, a glorificar esse tipo de práticas más?»

R.S. – «Sim.»

C.S.S. – «E não devemos preocupar-nos com isso?»

R.S. – «Não. Podemos estar a glorificar, a dizer que são tudo cenas espetaculares. Podemos ter problemas com isso? Não. Se tivermos, nenhuma história se conta, só as do “foram felizes para sempre” porque é a única que não tem responsabilidade nenhuma, não temos que explicar porque foram felizes. Mas quem é feliz para sempre? Ninguém. Há sempre chatices na vida e onde é que se põe o limite?

Exemplificando, estamos a falar de parafílias e de coisas violentas e depende de onde é que estás a pôr os parâmetros. Se os colocares na Organização Mundial de

Saúde, a homossexualidade era uma parafília até há uns anos. Se tu definires as tuas parafílias como cenas que para ti são estranhas, então, como criadora, pode ser interessante explorares essas parafílias, no sentido de saber mais sobre elas ou contar uma história que possa te parecer interessante. Não podes pensar no que poderá ser interessante para milhões de pessoas que podem ver a tua história. Isso, nunca vais saber. Vais poder sempre apanhar alguém que é maluco. Vais pensar nisso? Não podes, só podes preocupar-te em contar uma boa história que tem de ter coerência e informação, o teu coração e a tua inteligência, para ser boa. O que isso vai provocar nas pessoas não é da tua responsabilidade. Há malucos para tudo, que fazem porcaria porque leram um jornal.»

C.S.S. – «E achas que é possível uma pessoa que tenha passado por um trauma gostar de uma história que explore esse trauma? E se sim, porquê?»

R.S. – «Só posso responder teoricamente e, em teoria, tudo é possível.»

C.S.S. – «Não seria uma forma de poder dominar a situação?»

R.S. – «Sim, podia ser uma terapia, podia ser quase uma catarse, pode ser imensas coisas, mas também pode ser um reforço do trauma ou pior. Ninguém consegue dizer. E mesmo uma pessoa que tenha um trauma a quem coloques essa questão, pode ter resistência a aceitar que poderá ser uma coisa boa. Ainda que goste, não vai assumir, acho eu. Em teoria, tudo é possível, mas mais facilmente não vão querer reviver.»

C.S.S. – «Estava a ver aqui as perguntas que tenho e ia perguntar sobre o bode expiatório, se as obras eróticas são utilizadas como bode expiatório para explicar os crimes.»

R.S. – «Sim.»

C.S.S. – «Outra pergunta que tenho é: o criador de conteúdo erótico de entretenimento deve reconhecer o seu papel de ‘influenciador’/‘manipulador’? Tem de haver obrigatoriamente o elemento didático no conteúdo ou deixar essa parte para os documentários/vídeos de informação?»

R.S. – «Isso é uma das questões com que mais me debato, pessoalmente, porque tenho essa necessidade de ter um conteúdo... vamos chamar de pedagógico. Tem a ver com a minha maneira de ser, com a maneira como eu quero que as pessoas me vejam e também com a minha educação. Tem muito a ver com o facto de eu ser pai. Se calhar, se não fosse pai, não tinha tanto essa vontade e por isso não acho que se possa dar uma resposta genérica a isso. Acho que cada criador deve pensar na sua condição e naquilo que quer. Admiro Marquês de Sade porque não queria saber de nada, mas eu não consigo ser como ele. Admiro Oscar Wilde pela mesma razão, mas também não conseguia ser como ele.

Essa é uma das grandes questões com que me debato constantemente: “O que quero fazer em termos de erotismo?”. Eu falo de erotismo e 90% das pessoas pensa em porno. Logo, à partida, sinto necessidade de explicar ou demonstrar que o meu conteúdo não é porno. Nesse momento, já estou a tentar limar arestas, quando não devia. Mas é uma posição que eu assumo que tenho. Não gosto de trabalhar sexo por sexo, de tirar fotos por fotos, gosto que haja um conteúdo, uma experiência, uma aprendizagem, uma vivência diferente. Questiono-me: O que quero ter nos meus conteúdos? É só sexo? É só estética ou beleza? É só nudez? A intenção. Muitas das coisas que faço com as pessoas, em fotografia ou vídeo, é saber a intenção. Não é só posar e mostrar que são bonitas ou que estão a ter prazer. Estão a pensar e a sentir coisas a sério? Esse é um dos maiores desafios que atravesso quando faço coisas: até onde quero levar as pessoas, até onde quero ir, mas acima de tudo, gostar que sejam o mais reais possível, a nível emocional, que sintam realmente alguma coisa. Não só faço isso com quem faço fotos e vídeos, mas também quero fazer isso com quem vê, lê ou ouve o que faço. Quero que haja alguma coisa que mexa com elas. Acho que uma das principais componentes da criação é que tenha algum impacto. Criar só por criar seria masturbar-me para cima de mim próprio e isso não me interessa. Trabalhei 20 anos em publicidade e acho que ela é muito mais masturbatória do que a arte, por incrível que pareça.»

C.S.S. – «Porque achas isso?»

R.S. – «Porque a publicidade é uma função que não tem nada a ver contigo. Refiro-me a quando não estás a trabalhar para ti e estás a trabalhar numa agência para outrem. Estás a criar para um produto que se calhar não acreditas muito ou para uma

empresa que não conheces de lado nenhum. És um intermediário que não está a contribuir para nada da tua pessoa. Quando fazes uma obra de arte, mesmo que não tenha função nenhuma, foi uma catarse para ti, foi uma descoberta, pode ser uma representação de um talento que não sabias que tinhas. Pode fazer-te sentir algo maior, mas vai sempre ter repercussões nas outras pessoas, não só em ti. A não ser que sejas narcisista. Quando não se é, a criação artística é muito de ti para os outros e não de uma empresa para os outros. É mesmo uma obrigação para quem tem vontade de criar coisas, contar histórias, de transformar o mundo. De o fazer, seja com que resultado for. Quantas pessoas criaram porcaria com boas intenções? Quantos vilões ou pessoas más tinham a noção que estavam a ser más?»

C.S.S. – «O argumento utilizado é a prevenção. Não existir implica não acontecer, é esta a teoria.»

R.S. – «Mas isso só seria justificado se nunca tivesse havido mortes ou violência antes de haver livros e jogos. Que tivessem chegado e estragado tudo. Mas não. Somos pessoas que estão constantemente, todos os dias e a cada minuto, no debate do que é bom e do que é mau. As religiões não acabam porque as pessoas não decidem por si e precisam de alguém ou algo que lhes diga o que fazer. Até há 50 anos, a população iletrada em Portugal chegava aos 80%.⁴ Como tinham noção do que era bom ou mau? Não era dos livros, era por histórias contadas pelos padres, considerados pessoas importantes, porque eram letradas.

Vivemos em comunidades que estavam constantemente a matar-se uns aos outros, até à Segunda Guerra Mundial, a última grande guerra que houve na Europa. Até que dissemos “É mais útil sermos amigos do que andarmos todos à batatada”. Antigamente, ganhava quem tinha grandes exércitos, quem tinha o poder e dizia aos comuns quem tinham de matar. Era preciso alguém dizer, porque cada um não passa a vida a pensar a quem fazer mal.

E depende das circunstâncias. Se fizerem mal a alguém próximo de mim, se calhar eu também vou fazer mal. Por isso precisamos, ou convém, que tenhamos quem nos

⁴ Segundo a PORDATA, em 1970, a taxa de analfabetismo total era 25,7%. Disponível em URL: <https://www.pordata.pt/Portugal/Taxa+de+analfabetismo+segundo+os+Censos+total+e+por+sexo-2517>, [Consult. a 16 de julho de 2021]

faça perceber o bem e o mal e as consequências de cada uma das escolhas. É tão fácil a gente entender-se, é tão fácil descobrir o nosso lado bom.

Tem mesmo que ser uma descoberta, tem de ser um trabalho de aceitar que todos temos um lado negro e um lado luminoso, aceitar essa dualidade para as energias estarem alinhadas e atingir-se o equilíbrio entre as duas forças, igualmente poderosas, mas opostas, do ódio e da paixão. Por isso é tão apetecível seguir qualquer uma delas, sendo ambas naturais a cada um. Quando queremos passar uma mensagem mais política do que humana é que atribuímos características a cada género. Os nossos *triggers* são todos diferentes e ainda bem que são.

No outro dia, cheguei a uma conclusão. O que parece que está inerente àquele estereótipo de que “uma mulher que vai com muitos homens é uma vadia e um homem que vai com muitas mulheres é um ganhão” é que o que os homens fazem é sempre bom enquanto o que as mulheres fazem é sempre mau, certo? Mas na verdade, o que está inerente a essa frase é que os homens na verdade não prestam. Porque é que uma mulher que vai com muitos homens é desvalorizada?»

C.S.S. – «Porque tem muitos parceiros.»

R.S. – «Mas porque é que é mau uma mulher ter muitos parceiros?»

C.S.S. – «Porque, do que ouvi, o facto da mulher ter mais experiência e ser mais assertiva em relação à sua sexualidade pode intimidar o homem e este sentir-se sob pressão de ir ao encontro dela. É querer castrá-la e limitá-la?»

R.S. – «Não é a isso que me refiro. Quando se diz que uma mulher que vai com muitos homens é uma vadia ou uma oferecida: porque é que isso a desvaloriza? Vou clarificar o meu pensamento. O que está subjacente a esta questão das mulheres serem consideradas vadias e os homens serem considerados ganhões é que os homens só conseguem ter sexo quando podem e não quando querem. Se pudessem ter sexo quando quisessem, faziam-no e pronto. Mas como só podem fazer se conquistarem a permissão das mulheres, então isso torna-se um desafio e o facto de conseguirem é uma conquista. Ou seja, um homem para conseguir ter sexo, tem de ter qualidades suficientes para que a mulher o permita. Pelo contrário, uma mulher que vai com diversos homens é uma mulher que aceita muitas solicitações, ou seja, tem pouco critério de escolha. E se aceita

muitos homens, é porque aceita muita porcaria, porque se os homens fossem todos bons, então ela teria mais valor exatamente por estar com muitos homens. Ou seja, na verdade, o que se está a dizer com esta frase é que os homens não valem nada, e são as mulheres que lhes dão valor. Daí que os homens nunca deviam insultar uma mulher que gosta de ter sexo com quem ela quiser porque na verdade estão é a desvalorizar-se a si mesmos.

A ideia da pornografia feita por homens ser uma porcaria também está incluída aqui porque o que está implícito é que os homens são todos básicos e rudes. Mas a ideia de que a única pornografia boa é feminina ou masculina é muito estranha: se for romântico, é bom; se for bruto, é mau e não é assim, porque, como já disse, e é talvez a ideia mais feminista que tenho, é que, relativamente ao sexo, toda a gente é capaz de gostar de tudo.»

C.S.S. – «Isso fez-me pensar sobre uma questão que tenho me colocado ultimamente – eu tenho estado a rever uma série de TV que via quando era miúda e tenho reparado que eu sou muito crítica em relação a elas porque eles só fazem porcaria e assumem-se assim e elas vêm-nos e mesmo assim vão atrás deles. E eu pergunto-me: “porque não fico irritada com ele? Ele é que fez porcaria”. Mas à partida, eu já estou à espera que ele faça asneira e fico irritada porque estou à espera de qualidade da parte dela.»

R.S. – «Exato. Estás à espera que eles façam asneira, eles fazem e tu não te surpreendes. Mas não estás à espera que elas o façam também e ficas chateada. Sim, há esta ideia generalizada.»

Vou extrapolar um pouco mais: a existência masculina só é promovida pela existência feminina. Não há nada em nós, enquanto homens, que seja uma mais-valia para o mundo. Literalmente, podemos fazer um filho a uma mulher e morrer de seguida que a criança continuará a existir. Uma mulher tem de permanecer viva durante muito mais tempo para que a criança subsista. As mulheres podiam continuar a viver nas grutas e a cultivar os campos. Não precisam dos homens para nada. Então, os homens têm de criar coisas para se entreterem e valorizarem. Temos a noção de que queremos ser relevantes e admiramos imenso os outros homens que fazem coisas incríveis, ou

invejamos quando estamos em competição. Se aquele consegue subir ao Everest, eu consigo ir às compras e trazer 50 sacos. Isso inspira-nos.

É por isso que eu acho que os homens têm tantos problemas em lidar com a homossexualidade masculina. O que eles veem nos homossexuais não é algo que eles ambicionem ser e isso causa-lhes frustração. E, para além disso, há um medo inerente (e daí chamar-se, e bem, homofobia) que é acerca da finitude sexual. Um homem que não vive para procriar, que não procura ou não precisa do tal aval feminino, parece não ter tanto valor. Eu acho mesmo que essa é a principal dificuldade que os homens têm com a homossexualidade masculina, porque essa busca pela aceitação feminina é um dos principais incentivos da existência masculina. Eles não têm problemas com a homossexualidade feminina, até os excita. Não há problema com a homossexualidade em si, mas sim com a representação efeminada da masculinidade. Os homens não vêem mais-valia naquela existência quando, na verdade, há imensas mais-valias. Uma delas é a demonstração de como a energia masculina pode ter um lado muito mais luminoso, desinibido, criativo, afetivo e inspirador. Há muita feminilidade no lado masculino que os homens negam porque só pensam na função. E é ao pensar assim que os homens se tornam básicos.

Estou a preparar um livro que fala sobre a estupidez masculina e a utilidade dela. Ver um homem fazer triplo mortal com uma mota numa rampa e aleijar-se a sério ou morrer é inspirador – se ele teve coragem para fazer aquilo, mesmo que não tenha relevância nenhuma para o mundo, mesmo matando-se, então qualquer um consegue arranjar uma torneira. Só o facto de ele arriscar a vida por algo que não interessa a mais ninguém, superando todas as expectativas e limites físicos, alimenta o espírito dos homens. É estúpido, mas é verdade.

Os homens não fizeram o mundo para melhorar a vida dos homens, ou não teríamos passado das grutas. Os homens esforçaram-se para que o mundo fosse melhor por causa das mulheres e das crianças. Porque sem elas, os homens tinham passado a vida em guerras e loucuras sem sentido. Por isso é que em trabalhos perigosos, vão eles e não elas. Se for perigoso, ele morre e pronto, não faz falta. Se for uma mulher, está a empenhar-se futuras gerações que não vão nascer.

A título de exemplo, não faz sentido mandar 50% de homens e mulheres para a guerra. Para quê? Para matar gente só para mostrar que somos capazes de lutar por

igual? Qual a vantagem disso? Eu luto pela possibilidade das pessoas fazerem tudo, mas é desejável que as pessoas façam tudo? Não. Queremos mesmo ter 50% de homens ou mulheres a fazer alguma coisa só para sermos iguais? Não sei se queremos. É útil? Pode ser, mas vais obrigar ou, em certas situações, arriscar, só para ter 50% a fazer tudo? Debato-me imenso com estas questões e falo com imensas ativistas feministas porque, às vezes, criamos utopias na nossa cabeça que até parecem fazer sentido: temos todos dois braços, duas pernas, as mesmas capacidades, somos todos inteligentes. Sim, sem dúvida, mas é útil fazermos todos a mesma coisa? A História não narra as mulheres a querer fazer tudo e os homens a não deixar ou vice-versa. As pessoas foram se pondo nas suas situações por utilidade. As sociedades definiram-se assim porque havia uma utilidade para funcionar assim. Se queremos que funcionem de outras formas, temos de ter a perceção das consequências dessas alterações.

Outra coisa interessante é que os homens fazem coisas estúpidas porque não há melhor público para os homens do que as mulheres. E muitas vezes essa estupidez é reforçada positivamente por elas porque é cómica ou porque os distingue dos demais. Mas eles não são o melhor público delas no mesmo sentido. Eles normalmente são apenas os melhores admiradores. Não batem palmas, babam-se. Ou seja, os homens galvanizam-se com admiração e as mulheres com atenção.»

C.S.S. – «Pesquisei no repositório da minha universidade e da do Porto e, daquilo que vi, não encontrei ninguém que apresentasse um manual de como construir uma obra erótica, seja em que formato for. Apenas analisam obras já feitas ou falam sobre a nudez, mas não como construir. Sabe-se que a banda desenhada erótica existe, mas deixa-se lá estar. Não devia ser assim, a Arte Erótica, em si, tem imensa história e imensa coisa para ser estudada e analisada, que é muito interessante.»

R.S. – «A banda desenhada adotou um formato que existe desde o paleolítico, em que as cenas de diferentes momentos eram desenhadas em sequência de imagens. Adquire, ao longo dos tempos, uma conotação mais desvalorizada porque é curta, dá menos trabalho que a literatura e o cinema e outros. A meu ver, o que é fascinante na BD é que se alia a parte escrita com a parte gráfica, mas acima de tudo, a expressão verbal à expressão gráfica, que é pessoal, não é uma máquina a fazer. Estive a ver a segunda temporada de *Love, Death & Robots* [MILLER, Tim, 2019 –]. Já viste?»

C.S.S. – «O meu orientador falou-me nisso, mas eu não tenho essa plataforma de *streaming*.»

R.S. – «É uma série de várias curtas-metragens, sobre cada um dos três temas ou todos em conjunto. Nesta segunda temporada, que tem 8 episódios, só gostei de 2 ou 3 porque nos outros, as animações de computador são tão hiper-realistas que não se revela nenhuma expressão artística do criador. O que é que revela da sensibilidade artística ou da visão de quem criou aquilo? Nada, apenas que ele tem uma noção brutal do realismo. Para isso, filmava e pronto, em vez de estar horas ao computador a criar aquilo, era mais simples. Mas aqueles 2 ou 3 de que te falei, só era possível existirem se fossem feitos em animação. Não era possível ser filmado em lado nenhum, porque as personagens são todas aerodinâmicas e com comportamentos nada realistas e essa é que é a piada da animação, do desenho, da expressão artística. Se desenhavas uma pessoa muito realista, então não vamos conseguir analisar as tuas emoções, a tua visão do mundo, a tua originalidade. Esta construção de banda desenhada erótica tem a ver com a expressão pessoal, o teu traço, a tua forma de registar uma história, a tua forma de a contares e é isso que vai fazer com que ela seja tua. Se eu tentar fazer o mesmo da minha maneira, vai ser completamente diferente. Essa é a mais-valia da banda desenhada. É eu ler um livro e saber quem é o artista sem saber o nome.»

C.S.S. – «Há pessoas que ficam incomodadas quando é mais uma história a falar sobre um tema batido, mas eu não me importo, porque várias pessoas vão ter pontos de vista diferentes e vão ter uma abordagem diferente. Não há histórias iguais.»

R.S. – «Não somos seres que pararam na evolução, estamos constantemente a evoluir. Por exemplo, as ilações que Freud tirou, naquela altura, com a informação que tinha, são geniais e se eu tivesse vivido na época dele, eu ia achar que ele já tinha decifrado tudo. Mas depois veio Jung que pôs em questão umas coisas. Não disse que estava tudo errado. “O ponto de vista de Freud até tem muito valor, mas há aqui um ponto que eu acho que não foi explorado o suficiente”. Evolução é isso e a Arte e a Filosofia são o exemplo de pessoas a conversarem com outros e a dizer: “Tens razão, mas deixa-me fazer isto de outra maneira, a ver o que dá”. Picasso não inventou o Cubismo, foi o Braque, mas foi ele quem exponenciou o estilo e deu a conhecer ao mundo. E como viveu mais tempo do que Braque, fê-lo à sua maneira e transformou-o.»

Klimt começou com a *Arte Nouveau* mas depois, a partir daquilo, criou o Simbologia. Só acabamos quando morremos e, mesmo assim, há quem só seja conhecido depois de morrer.

É isso que me motiva. Não quero morrer sem deixar algum legado, nem que seja para alguém pegar e fazer outra coisa. Quando estou mais desanimado, penso: “Faz. Se correr bem, correu se não correr, não correu, mas faz. Ao menos podes despoletar outras coisas”.»

C.S.S. – «A falta de Educação Sexual completa e de qualidade pode ser uma justificativa para a má recepção de certas obras eróticas por parte do público? E no caso do criador de conteúdo erótico, isso implica a criação de más obras?»

R.S. – «De más obras, não. Está um bocadinho relacionado com o sentido de responsabilidade. Se eu não soubesse nada sobre sexo, se não tivesse estudado e se não tivesse aprendido nada, eu estaria apenas a expressar as minhas emoções e pensamentos e não há mal nenhum nisso. Não se vai dizer ao artista que tem de estudar. Só tens de viver ou imaginar a situação. Podes ter uma grande capacidade de imaginação. Mas, no meu caso, não consigo escrever nada que vá contra algo que já sei. Não posso fugir a essa responsabilidade. Tenho de tentar ter uma base boa de justificação para o que faço. Não quer dizer que tem de ser assim, mas sinto essa responsabilidade de não levar as pessoas ao engano. Não posso nunca dizer que um tipo de sexualidade é melhor que o outro ou que um tipo de relação é melhor que o outro, isso seria uma irresponsabilidade da minha parte. Mas uma outra pessoa poderá afirmar isso, se quiser. Só que isso é de uma pessoa desinformada. Eu não consigo dizer isso, porque pode alguém seguir à letra o que eu digo. Uma das grandes lutas que tenho com os ativistas é essa – quanto mais leio sobre sexo, menos acho que sei, porque há tantas variantes....»

C.S.S. – «Última questão: na tua opinião que temas ou questões deveriam ser abordados no trabalho de projeto, que eu não abordei até agora?»

R.S. – «Não te queres focar só nas parafilias, certo?»

C.S.S. – «Não. Quanto a isso, quero apenas explicar porque certas obras que exploram as parafilias existem.»

R.S. – «Na verdade, o teu foco é porque é que as obras eróticas existem?»

C.S.S. – «Exatamente.»

R.S. – «Acho que não há nada mais que possas acrescentar... Não dá para falar sobre tudo o que tem a ver com sexo. Eu acho que o mais interessante, para mim, é analisares as obras eróticas e como se constroem conteúdos eróticos para abordar seja o que for. O que é importante estar na base da construção de uma história erótica, o que é o erotismo, o que se pretende com o erotismo e o impacto que se pretende com o mesmo. Acho que tudo isto é informação que deves procurar. A única questão é só até onde queres ir, em termos de profundidade.»

C.S.S. – «Tal como disseste, o tema em si, ou a arte erótica ou a sexualidade humana, são assuntos muito complexos, em que só um deles era suficiente para objeto de estudo dum trabalho de dissertação. Então, o importante para mim, é reter o essencial que ajude a ser base e alicerce para a construção de futuras obras eróticas.»

R.S. – «Eu acho que o mais importante mesmo é a questão da intenção. Qual é a intenção quando se faz uma obra erótica? Acho que é aí que encontraremos mais pontos interessantes de analisar.

Essa é uma questão que eu próprio me debato – qual o propósito de fazer o que faço. Tu podias fazer uma série de perguntas do porquê de eu o fazer, não é só a razão de quem consome, mas também de quem cria. Sinto como missão de vida ser uma referência neste mundo [do erotismo], que pouca gente tem disponibilidade ou vontade de entrar, porque acha que é sujo. Quero dar uma visão mais positiva, mais luminosa do erotismo. Não quero focar-me muito na sexualidade porque ela é finita enquanto o erotismo é infinito, depende da imaginação, da fantasia. Tudo pode acontecer e essa é a principal mensagem que quero transmitir às pessoas. Se aceitarmos o nosso imaginário erótico, a nossa sexualidade pode ser muito mais potencializada do que andar só à procura do orgasmo ou do ponto G. Tem de haver histórias, tem de haver criatividade, o porquê de queres ou não queres fazer algo, para potenciar a sexualidade através do erotismo. Esse é o propósito das coisas que faço, não é satisfazer um capricho meu. Isso faço na minha vida privada. Mas é interessante perceber a intenção de porque é que os artistas fazem obras eróticas, o que os levou a isso.»

C.S.S. – «É um dos temas que abordo, a visão dos artistas, na área de BDSM.»

R.S. – «Se fores pelo âmbito dos fetiches, das parafílias e das perversões, é muito natural que vás encontrar pessoas, consumidores ou criadores, que tenham tendência para isso. São interesses específicos que tens de ter uma vontade muito própria para entrar neles. Não entra qualquer um; ou estás muito interessado, ou já praticas ou já tens uma ideia muito específica. Se vais por esse caminho, vais encontrar pessoas, consumidores e criadores, que nitidamente têm essa parafília ou que querem entrar nesse universo. Se fores para algo mais abrangente, porque é que cada artista desenha conteúdo erótico, é interessante ter essa visão de pessoas que fazem conteúdo erótico sem serem fetichistas ou...»

C.S.S. – «A razão pela qual incido mais nesse tema tem a ver com o estigma proveniente da sociedade. Eu própria sinto a necessidade de explicar porque existe, para tentar desmistificar o assunto. Se eu explicar o dito ‘normal’, não haverá grande dificuldade em perceber o tema.»

R.S. – «Estou a entender, mas há um risco em enfatizar o estigma, estigmatizando ainda mais. Ou seja, uma das coisas que é mais relevante para o erotismo, a ponte entre a sexualidade e a pornografia, aquela zona imaginária, é o facto de poder ser integrado na vida normal em vez de ser um gueto. Este tema é muito relevante para todos, porque o sexo toca a todos, a política ou a arte não. Só o sexo, a fome e a morte tocam a todos. Então, se o sexo toca a todos, podes focar nas parafílias, no sentido de dizer que o erotismo e a sexualidade têm estas componentes todas e elas fazem parte deles. Há erotismo em muita coisa e há relações sem qualquer erotismo.

Como por exemplo, gosto muito de mãos e de dedos e uma das minhas antigas namoradas tinha uma movimentação de dedos que eu achava muito erótica, que mexeu comigo e foi assim que me interessei por ela. O erotismo está embutido nas coisas mais inesperadas. Outra perspetiva: quando estava lá no clube, havia imensos fetichistas que iam lá só para se focarem no alvo do seu interesse e que me perguntavam se eu tinha algum fetiche em especial. Eu dizia que gostava das mãos, da sua elegância, gosto de imaginar as mãos a tocar-me. Mas de repente, quando te ligam esse sensor, apercebes-te de coisas que fazem a diferença. Eu nunca tinha tido nada que me puxasse para um gosto específico, mas comecei a perceber que havia uma componente que fazia essa

diferença, quando me interessava por alguém ou não, e que me levou a pensar que quando se está a explorar, aquele fator pesa. As linhas são muito ténues nestes aspetos todos [da sexualidade]. A ciência tem tendência para criar linhas mais vincadas – o que é parafília, o que é perversão, etc. Mas é importante dares a entender que há essa disparidade de noções, as parafílias não têm de ser parafílias, o erotismo é subjetivo, cria-se na nossa cabeça.

Uma das coisas que também me assola, como criador de conteúdos eróticos, é: ao criar um produto erótico e ao informar o consumidor de vou fazer algo erótico, será que o consumidor vai achar mais erótico porque eu lhe disse ou vai achar menos erótico porque eu já estou a dar essa conotação? Muitas vezes o erotismo não está por baixo da etiqueta de “erótico” e eu sei disso. Por exemplo, um dos livros que mais gostei foi *O Deus das Pequenas Coisas* [ROY, Arundhati, 1997], que não é designado como erótico, mas a escrita é tão boa que me marcou até hoje, considero mesmo o livro da minha vida e despertou algo erótico em mim. Portanto, colocar esse rótulo pode trazer pressão ao próprio criador. Da mesma forma, tento não colocar demasiada visão masculina no meu erotismo porque não me interessa ser criador para um género. Interessa-me o desafio de criar um contexto ou circunstâncias que justifiquem a sexualidade nas histórias. Por isso é que tento sempre trabalhar em parceria com mulheres, seja na escrita de guiões seja no desenvolvimento de projetos. É nessa busca de justificações para o prazer sexual que leva o erotismo a entrar nas fantasias e a questionar se é positivo ou negativo explorar este ou aquele universo. Qualquer tema tem de ter uma intenção e deve ser explorado com tacto. Para mim, no erotismo, o sexo não pode vir ou ser resultado de uma cena dramática, pesada. E, por isso, em princípio, não o farei em criações minhas. Sexo é prazer, é positivo, não é para estar desgostoso.

Tem a ver com cada pessoa, os seus princípios. Mas, obviamente e quase 100% de certeza, vais encontrar grandes ‘malucos’ porque só esses é que se atiram para estas coisas. Mas, lá está, as mulheres não costumam ser tão malucas como eles. Os livros parvos que tenho são todos de homens.»

C.S.S. – «Por acaso, dois livros que conheço e que estão no espectro vermelho foram escritos e desenhados por mulheres. E são sobre a síndrome de Estocolmo.»

R.S. – «A síndrome de Estocolmo é uma coisa curiosa porque achamos que as vítimas não têm poder quando, na verdade, o têm.

Na semana passada, vi o filme sobre o assalto que deu origem ao nome dessa síndrome. É com o Ethan Hawke. Foi o primeiro assalto a um banco em Estocolmo e os reféns ficaram a gostar mais dos assaltantes do que da polícia, porque era a primeira vez que esta estava a lidar com um assalto. Trataram os reféns pior que os próprios assaltantes, estando dispostos a sacrificar aqueles para capturar os últimos. Os reféns começaram a proteger os assaltantes e isso deu azo à síndrome, dado que a polícia não achava possível que se gostasse mais dos maus do que dos bons. Lá está, o lado bom e o lado mau. Hoje em dia, achamos que a síndrome é uma pessoa que se apaixona por uma pessoa má. A síndrome não é isso, a síndrome é gostar de um tipo bom que fez uma coisa má. E essa condição é mais evidente nas mulheres, porque elas têm uma maior capacidade de perdoar do que os homens. Elas são mais empáticas e compreensivas que um homem faça uma porcária por estar tão apaixonado.

A violência doméstica, até certo ponto, demonstra isto. Na cabeça da vítima, o agressor é violento porque as ama. E elas não vêem que ele é mau, vêem que ele tem um lado positivo, um lado bom. Aceitam porque esperam que o lado bom venha ao de cima.

Também está relacionado com a falta de auto-estima delas. Acham sempre que ninguém gosta delas e haver um homem, no mundo inteiro que gosta, mesmo que as trate mal, é uma sorte. Por isso, aceitam mais facilmente. Daí não me surpreender que haja mais mulheres a escreverem histórias desse género.

Os homens fazem muitas coisas parvas, sem dúvida. Também têm vidas muito mais arriscadas e metem-se em muito mais problemas. Quando a coisa corre bem, são reis, mas quando correr mal, ficam mesmo no fundo do poço. Tenho aqui um livro curioso, de Benjamin Péret, que se chamava *Os Colhões Enraivecidos* e que ele depois teve de mudar para *Os Tomates Enlatados*.»

C.S.S. – «Porquê?»

R.S. – «Porque não podia vender o livro com este título, no início do séc. XX, em 1928. Este livro é surreal, literalmente, porque ele era um surrealista, tem páginas só com duas frases, e desenhos completamente escabrosos.

Também tenho este, que me apaixonou só pelo título [*Manual de Civilidade para Meninas*, de Pierre Louys], tenho de comprar mais livros dele. Esta é uma obra escrita em 1926, a gozar com os manuais que existiam na época para ensinar as meninas sobre etiqueta e regras de como se comportar em casa, na copa, no recreio, etc. Vou ler-te uma passagem ao calhas: «Na confissão. Quando relatais todas as vossas coisas feias ao bom prior que vos escuta, não lhe pergunteis se isso lhe dá tesão. E não vos masturbeides no confessionário com vista a serdes absolvidas logo a seguir». É muito parvo, mas são ideias destas que agitam o mundo.»

31 de julho de 2021,

PARTE REMOVIDA PARA
DISPONIBILIZAÇÃO EM
ACESSO ABERTO

ANEXO B – TABELAS DE ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE SEXO E VIOLÊNCIA

- FILMES

- o AÇÃO:

Nome/Data	Sexo	Violência	Relação	Final
<i>Faster Pussycat! Kill! Kill!</i> , Russ Meyer (1965)	Abordagem sugestiva da cena sexual	Abordagem direta das agressões físicas e assassinatos	Existe relação (ex.: <i>sexual exploitation</i>)	Há ‘final feliz’
‘Cena Única’	Certa vez, um homem tenta ajudar uma mulher a saltar para dentro de um comboio. A situação não corre bem, resultando numa queda aparatosa de ambos. Devido à queda, o homem fica com um problema crónico na coluna vertebral enquanto a mulher se limita a apanhar o comboio seguinte. Desde então, o homem nutre um sentimento de ódio por todas as mulheres e é movido pela vontade de se vingar daquela, através do rapto, violação e assassinato de todas as mulheres que passem por sua casa.			
<i>Léon: The Professional</i> , Luc Besson (1994)	Abordagem sugestiva da cena sexual	Abordagem gráfica de cenas de assassinato	Existe relação (ex.: menor de 12 anos que seduz um homem)	Não há ‘final feliz’
‘Cena Única’	Após a menina participar no seu primeiro trabalho enquanto assistente do assassino, aproveitam a ocasião para jantar fora e celebrar o primeiro trabalho bem-sucedido. Durante o jantar, a menina tenta seduzir o assassino, sendo imediatamente rejeitada.			

<p><i>Kill Bill</i> (Vol.1), Quentin Tarantino (2003)</p>	<p>Não existe abordagem</p>	<p>Abordagem gráfica de cenas de assassinato</p>	<p>Existe relação (ex.: gravidez mantida em segredo, fator desencadeador da caça à mulher e sua 'eliminação')</p>	<p>Há 'final feliz'</p>
<p>'Cena Única'</p>	<p>Um assassino dirige-se à igreja onde decorre o casamento da ex-companheira, que está grávida dele, com outro homem. Dá-se uma breve conversa entre o ex-casal e a troca de um beijo e a noiva reentra na igreja, para concluir a cerimónia. Pouco depois, o assassino entra na igreja, mata todos, esventra a ex-amada e leva consigo a filha, deixando a mulher abandonada, para morrer.</p>			
<p><i>Kill Me Three Times</i>, Kriv Stenders (2014)</p>	<p>Abordagem moderada da cena sexual com nudez explícita</p>	<p>Abordagem direta de cenas de assassinato e violência doméstica</p>	<p>Existe relação (ex.: marido que manda matar a sua mulher por esta estar a dormir com outro homem; sexo como um meio para atingir fins)</p>	<p>Há 'final feliz'</p>
<p>'Cena Única'</p>	<p>Antes de assassinar um homem, o assassino atende um telefonema de um novo cliente. Pede ao seu cliente para que espere um segundo, mata a vítima e, imediatamente a seguir, continua calmamente a tratar dos pormenores do seu novo negócio.</p>			

○ CRIME:

Nome/Data	Sexo	Violência	Relação	Final
<i>The Italian Connection</i> , Fernando Di Leo (1972)	Abordagem sugestiva a cenas sexuais	Abordagem direta de cenas de agressões físicas e assassinato	Existe relação (ex.: agressões a prostitutas)	Não há 'final feliz'
'Cena Única'	Devido ao desaparecimento de uma carga de heroína, a personagem principal, que não teve qualquer tipo de envolvimento no desaparecimento da mesma, é perseguida tanto pela máfia de Milão como pela de Nova Iorque. Como forma de chegar ao indivíduo procurado, a máfia italiana mata sua mulher e filha.			
<i>Pulp Fiction</i> , Quentin Tarantino (1994)	Abordagem moderada das cenas sexuais	Abordagem gráfica de cenas de tortura, violação e assassinato	Existe relação (ex.: violação)	Há 'final feliz'
'Cena Única'	Depois de ser levado à força por um polícia e de ser preso numa cave, o líder de um gangue, além de ser submetido a agressão e tortura física, ainda é vítima de violação sexual, satisfazendo os desejos e fantasias mais perversos do polícia.			

<p><i>Only God Forgives</i>, Nicolas Winding Refn (2013)</p>	<p>Abordagem sugestiva das cenas sexuais</p>	<p>Abordagem gráfica de cenas de agressões, tortura e assassinato</p>	<p>Existe relação (ex.: a vontade de satisfazer sexualmente para compensar o sentimento de 'não ser bom o suficiente')</p>	<p>Não há 'final feliz'</p>
<p>'Cena Única'</p>	<p>Ao visitar a casa de sua mãe, o homem encontra-a morta no chão. Após alguns instantes imóvel, a interiorizar a situação, a reação é de esventrar a própria mãe e de mexer-lhe nas entranhas.</p>			

○ DRAMA:

Nome/Data	Sexo	Violência	Relação	Final
<i>O Império dos Sentidos</i> , Nagisa Ōshima (1976)	Abordagem <i>hardcore</i> das cenas sexuais com nudez explícita	Abordagem gráfica de cenas de agressões físicas e mutilação	Existe relação (ex.: “Suponho que seja necessário aproximarmos da morte para sentir o êxtase na sua plenitude.» ⁵)	Não há ‘final feliz’
‘Cena Única’	<p>Devido ao amor obsessivo pelo amante, a mulher oferece comida com os seus fluidos vaginais, afirmando que é uma prova de amor verdadeiro se a outra pessoa a comer.</p> <p>O amante não hesita e come, elogiando o sabor do que comeu. Em seguida, toma a iniciativa de pegar num ovo cozido e inseri-lo na vagina da mulher. Assim que esta consegue retirá-lo de dentro de si, o homem come o ovo em questão.</p>			

⁵ «I guess you have to approach death to feel the height of ecstasy.» DAUMAN, Anatole, ŌSHIMA, Nagisa (1976). *In the Realm of the Senses* [DVD], 1:07:48. Tradução livre da autora.

<p><i>Crash:</i> <i>Estranhos</i> <i>Prazeres,</i> David Cronenberg (1996)</p>	<p>Abordagem moderada das cenas sexuais</p>	<p>Abordagem direta de cenas de acidentes rodoviários, morte e destruição de membros</p>	<p>Existe relação (ex.: dualidade entre acidente e morte com prazer)</p>	<p>Final controverso</p>
<p>‘Cena Única’</p>	<p>Devido ao acidente que lhe causara várias fraturas expostas em seus membros inferiores, a mulher tem de usar vários aparelhos ortopédicos, a fim de reestruturar suas pernas e poder caminhar. O protagonista, ao ver as pernas da mulher cobertas de cicatrizes e perfuradas pelo aparelho ortopédico, sente-se absolutamente enfeitiçado pela descoberta de um novo estímulo sexual provocado por um corpo destroçado, resultado de um acidente rodoviário. Durante o envolvimento sexual, o homem surge a acariciar o aparelho, como se fosse uma extensão do corpo da mulher e sua zona erógena.</p>			
<p><i>O Farol,</i> Robert Eggers (2019)</p>	<p>Abordagem moderada das cenas sexuais e de masturbação</p>	<p>Abordagem direta das cenas de assassinato, agressões físicas e insanidade mental.</p>	<p>Existe relação (ex.: desejo de envolvimento sexual movido pela raiva)</p>	<p>Não há ‘final feliz’</p>
<p>‘Cena Única’</p>	<p>Numa tentativa de aliviar as suas frustrações, o homem masturba-se enquanto olha para a estatueta duma sereia, imaginando-se a possuí-la. Alcançado o clímax, o homem sente-se miserável, acabando por partir a estatueta, a forma de provar que ainda tem controlo sobre si mesmo.</p>			

<p><i>365 Days</i>, Barbara Białowas e Tomasz Mandes (2020)</p>	<p>Abordagem <i>softcore</i> das cenas sexuais com nudez explícita</p>	<p>Abordagem direta das cenas de assassinato e tortura psicológica</p>	<p>Existe relação (ex.: síndrome de Estocolmo)</p>	<p>Não há ‘final feliz’</p>
<p>‘Cena Única’</p>	<p>Após várias tentativas falhadas de envolver-se sexualmente com a sua refém, o chefe da máfia de Sicília decide prender a mulher na cama, para que esta o observe a receber sexo oral de uma prostituta. Durante a felação, o homem mantém contacto visual com a refém, provocando-a, rematando: “Vou mostrar-te o que estás a perder.”⁶</p>			

⁶ « *I'm gonna show you what you're missing.* » BIAŁOWAŚ, Barbara (2020). *365 Days* [DVD], 55:49. Tradução retirada das legendas do filme.

○ PORNOGRÁFICO:

Nome/Data	Sexo	Violência	Relação	Final
<i>Cherry, Harry & Rachel!</i> , Russ Meyer (1970)	Abordagem <i>softcore</i> das cenas sexuais com nudez explícita	Abordagem moderada das cenas de agressão física e assassinato	Existe relação (ex.: a prostituta que encontra o seu cliente morto, vítima de um assassinato)	Não há ‘final feliz’
‘Cena Única’	Enquanto dois homens lutam e matam-se, as duas mulheres exploram a sua nova descoberta: envolvimento sexual homossexual. As duas ações decorrem ao mesmo tempo com as duas cenas intercaladas, estabelecendo uma comparação entre os sexos: o homem, símbolo da violência e a mulher, símbolo da luxúria.			
<i>Deep Throat</i> , Gerard Damiano (1972)	Abordagem <i>hardcore</i> das cenas sexuais com nudez explícita	Abordagem sugestiva de <i>sexual exploitation</i>	Existe relação (ex.: <i>sexual exploitation</i>)	Há ‘final feliz’
‘Cena Única’	Aproveitando-se da condição rara da sua paciente – tendo feito questão de comprovar a sua situação clínica envolvendo-se sexualmente com a mesma – o médico usa-a e fá-la ter relações sexuais com os seus outros pacientes do sexo masculino, no intuito de ‘curar’, tanto o homem como a mulher, com a condição rara.			

<p><i>Black Emanuelle</i>, Bitto Albertini (1975)</p>	<p>Abordagem <i>hardcore</i> das cenas sexuais com nudez explícita</p>	<p>Abordagem moderada da cena de assédio sexual e tentativa de violação</p>	<p>Existe relação (ex.: assédio sexual)</p>	<p>Há 'final feliz'</p>
<p>'Cena Única'</p>	<p>Apesar do amante declarar o seu amor pela mulher e mostrar vontade de lutar pela relação que têm, estando disposto a viajar para qualquer sítio que ela tenha de ir, ela simplesmente rejeita-o, afirmando que uma mulher como ela – com imensos desejos sexuais – só está bem não estando 'presa' a ninguém.</p>			

○ ROMANCE:

Nome/Data	Sexo	Violência	Relação	Final
<i>Fifty Shades of Grey</i> , Sam Taylor – Johnson (2015)	Abordagem <i>softcore</i> das cenas sexuais com nudez explícita	Abordagem moderada de cenas de sadomasoquismo	Existe relação (ex.: <i>sexual exploitation</i>)	Não há ‘final feliz’
‘Cena Única’	Com o objetivo de chegarem a um acordo, a mulher encontra-se com o homem no seu local de trabalho, para uma reunião de cariz formal. Nesta reunião, são analisados todos os pontos integrantes do contrato entre Dominante e Submissa, estabelecendo entre ambos a frieza de um negócio.			

○ TERROR:

Nome/Data	Sexo	Violência	Relação	Final
<i>ILSA – She Wolf of the SS</i> , Don Edmonds (1975)	Abordagem <i>softcore</i> das cenas sexuais com nudez explícita	Abordagem gráfica das cenas de tortura e agressão física	Existe relação (ex.: homens que aceitam a dor e o confronto físico em troca de um encontro sexual com a sua chefe)	Há ‘final feliz’
‘Cena Única’	Enquanto a chefe toma um duche, reúne os seus subordinados na casa de banho para planearem novos esquemas e golpes. No entanto, a discussão camufla o real motivo da reunião: o desejo de ter homens a observarem-na e a adorarem-na enquanto exhibe, sem pudor, a sua nudez.			
<i>Carrie</i> , Brian de Palma (1976)	Abordagem moderada da cena sexual com nudez explícita	Abordagem gráfica de cenas de agressões físicas e psicológicas, assassinato, etc.	Existe relação (ex.: sexo visto como pecado, motivo para castigar)	Não há ‘final feliz’
‘Cena Única’	Por ver a filha como o fruto da sua fraqueza, prova viva que também ela é pecadora, a mãe tenta matar a própria filha numa espécie de ‘sacrifício humano’, a fim de receber o perdão de Deus.			

<p><i>Hostel</i>, Eli Roth (2005)</p>	<p>Abordagem <i>softcore</i> das cenas sexuais com nudez explícita</p>	<p>Abordagem gráfica de cenas de tortura</p>	<p>Existe relação (ex.: uso do sexo como forma de arranjar ‘participantes’ – vítimas – para as práticas de tortura)</p>	<p>Não há ‘final feliz’</p>
<p>‘Cena Única’</p>	<p>Num cenário semelhante a um talho, assiste-se a um homem, quase que aborrecido, a separar os membros de um corpo, para facilitar a limpeza e remoção dos corpos do local do assassinato.</p>			

- LIVROS

- *ART BOOK*:

Nome/Data	Sexo	Violência	Relação	Final
<i>Prohibited Book</i> , Luis Royo (2010)	Abordagem <i>hardcore</i> das cenas sexuais	Abordagem direta de cenas de agressões físicas	Existe relação (ex.: bestialidade)	Vários contos com diferentes finais.
‘Cena Única’	<p>Numa altura em que a mulher se sente insatisfeita com o seu marido, o mesmo faz uma nova aquisição: uma escultura de um homem unicórnio sem olhos.</p> <p>Ao sentir-se absolutamente atraída pela escultura, a mulher começa a fazer questão de despir-se, masturbar-se e de ser possuída pelo seu marido na presença da mesma. Com o passar do tempo, não satisfeita com o <i>voyeurismo</i> da situação, decide torná-lo num participante ativo, uma vez que, com ele, encontra a gratificação sexual e a plenitude. O marido, agradado com a presença da escultura de que tanto se orgulha e o faz sentir mais viril, aceita tê-lo como o terceiro elemento na relação sexual. Certa vez, após ser penetrada pelos ‘dois homens’ e atingir o orgasmo, a mulher apercebe-se que a escultura ganha olhos.</p>			

○ HARLEQUIN:

Nome/Data	Sexo	Violência	Relação	Final
<i>Tentação</i> , Nora Roberts (2019)	Abordagem sugestiva sem grande desenvolvimento	Não existe abordagem	Existe relação (ex.: devido a ciúmes, existe desejo de agredir o ex- noivo da personagem principal e de possuí-la para 'fazê-la' dele)	Há 'final feliz'
'Cena Única'	<p>No confronto verbal entre o atual interesse amoroso e o ex-noivo da personagem principal, ambos estão explicitamente a marcar território, na presença da própria. Ela, furiosa por sentir que a estão a tratar como propriedade, interrompe a discussão declarando que sabe o que quer e que não quer nenhum deles, dando, assim, por terminada a discussão.</p>			

○ LITERATURA ERÓTICA:

Nome/Data	Sexo	Violência	Relação	Final
<i>Amante de Sonho</i> , Sherrilyn Kenyon (2002)	Abordagem <i>harcore</i> das cenas sexuais	Abordagem moderada de cenas de violência física e psicológica (lutas, tortura psicológica, etc.)	Existe relação (ex.: escravo sexual)	Há ‘final feliz’
‘Cena Única’	Depois de ser amaldiçoado, o guerreiro espartano torna-se num escravo sexual de qualquer mulher que possua o livro onde está encurralado para toda a eternidade. Contudo, ele e a mulher por quem se apaixona decidem quebrar a sua maldição, não tendo relações sexuais uma única vez até ao último dia do seu tempo com a sua atual ‘proprietária’. No último dia, o escravo sexual algema-se à sua cama, garantindo que não se envolve com a mulher, visto que, com o passar do tempo, o poder da maldição tornara-se mais forte. A cena descreve-o como um ‘animal selvagem enjaulado’.			
<i>Diz-me quem és</i> , Jessica Bird (2004)	Abordagem <i>softcore</i> das cenas sexuais	Abordagem moderada de cenas de assassinato, agressão física, etc.	Existe relação (ex.: relação sexual entre a cliente e um <i>hitman</i>)	Há ‘final feliz’
‘Cena Única’	Numa das vezes em que, sem grande sucesso, a mulher tenta ter relações sexuais com o seu marido, este acusa-a de ser culpada pela sua impotência – apesar de medicamento comprovada – pois considera que a mulher não é sexualmente apelativa o suficiente para o excitar e curá-lo desse mal.			

<p><i>O Beijo Carmesim</i>, Lara Adrian (2007)</p>	<p>Abordagem <i>hardcore</i> das cenas sexuais</p>	<p>Abordagem moderada de cenas de abusos sexuais, agressões e assassinatos</p>	<p>Existe relação (ex.: abusos sexuais por parte do padrasto)</p>	<p>Há ‘final feliz’</p>
<p>‘Cena Única’</p>	<p>Quando a personagem principal, vítima de abusos sexuais por parte do padrasto, vê-o sofrer um ataque cardíaco, nada faz para o auxiliar, acabando este por morrer. Este acontecimento torna-se o seu maior segredo, pois acredita que é a maior prova de que ela é uma pessoa de mau íntimo, impedindo-a de se aproximar e de se relacionar intimamente com outro homem.</p>			
<p><i>Um Milhão de Desejos Secretos</i>, C. L. Parker (2013)</p>	<p>Abordagem <i>hardcore</i> das cenas sexuais</p>	<p>Abordagem moderada de cenas de agressão física</p>	<p>Existe relação (ex.: leilão da virgindade, a fim de conseguir o dinheiro para a cura da doença da Mãe)</p>	<p>Não há ‘final feliz’.</p>
<p>‘Cena Única’</p>	<p>Após encontrar a sua ‘propriedade’ a falar com o seu ex-melhor amigo, o ‘comprador’ leva-a para casa e tem relações sexuais com ela na escadaria do <i>hall</i> de entrada, de forma violenta e agressiva, infligindo dor física, com o intuito de mostrar-lhe quem é o seu dono.</p>			

<p><i>Provocações</i>, Shayla Black (2015)</p>	<p>Abordagem <i>hardcore</i> das cenas sexuais</p>	<p>Abordagem gráfica de cenas de prostituição infantil, violação, tentativa de assassinato e agressões físicas.</p>	<p>Existe relação (ex. tentativa de assassinar a mulher por provocar e incentivar os homens 'do bem' a pecar.)</p>	<p>Há 'final feliz'</p>
<p>'Cena Única'</p>	<p>Consciente de que o homem por quem está interessada se encontra no seu clube de <i>strip</i> contra a sua vontade, a <i>stripper</i> e dona do clube toma a iniciativa de controlar e manipular a situação, a fim de conseguir seduzi-lo e fazê-lo apaixonar-se por ela. Como primeira tentativa, aproveita a deixa para treinar o seu novo número, fazendo-o de recetor da sua dança. Não tendo sido o suficiente para suscitar uma reação positiva do personagem principal, passa ao plano seguinte: convencê-lo a dormir em sua casa com a desculpa de não ter onde ficar para passar a noite. Após o <i>chef</i> instalar-se em sua casa, a mulher testa, mais uma vez, a 'resistência' do homem ao deixar a porta do seu quarto entreaberta enquanto se masturba e geme pelo nome dele. O homem, por sua vez, ainda que tentado a envolver-se com ela ao assistir àquela cena, foge para a casa de banho e masturba-se durante o duche, na esperança de se manter fiel à sua namorada, mulher que acredita ser a mãe ideal para os seus futuros filhos.</p>			

<p><i>O Prof, Vi Keeland</i> (2017)</p>	<p>Abordagem <i>hardcore</i> das cenas sexuais</p>	<p>Abordagem moderada de cenas de agressões físicas e sexuais</p>	<p>Existe relação (ex. pedofilia; agressão sexual)</p>	<p>Há ‘final feliz’</p>
<p>‘Cena Única’</p>	<p>Certa vez, um rapaz de dezasseis anos esconde-se no confessionário de uma igreja local e finge ser um padre, escutando uma menina de dez anos a confessar os seus pecados. Ao tornar estes encontros um hábito entre ambos, numa das vezes em que a menina se confessa, revela que ela e a irmã mais velha são molestadas pelo seu padrasto.</p>			
<p><i>Ela Primeiro, Afonso Noite-Luar</i> (2018)</p>	<p>Abordagem <i>hardcore</i> das cenas sexuais</p>	<p>Abordagem moderada das cenas de violência física e psicológica</p>	<p>Existe relação (ex.: sadomasoquismo)</p>	<p>Não há ‘final feliz’</p>
<p>‘Cena Única’</p>	<p>Afonso, a personagem principal, assiste às sessões sexuais dos seus seguidores do sexo masculino, a fim de os converter em seus semelhantes na arte de conquistar uma mulher e satisfazê-la sexualmente, como se fossem duplicados de si próprio. Estas sessões têm lugar num hotel que, com a autorização de gerência do mesmo, tem um quarto construído para esse propósito. Nestas sessões, a mulher raramente tem conhecimento de estar a ser observada por um terceiro elemento.</p>			

<p><i>365 Dias</i>, Blanka Lipińska (2021)</p>	<p>Abordagem <i>hardcore</i> das cenas sexuais</p>	<p>Abordagem direta de assassinato, rpto e agressões físicas</p>	<p>Existe relação (ex.: utilização do sexo como forma de violência)</p>	<p>Não há 'final feliz'</p>
<p>'Cena Única'</p>	<p>Após vários dias a tentar resistir à tentação, a mulher cede ao seu desejo sexual e envolve-se com o seu raptor. Contudo, enquanto se envolvem sexualmente, a refém recorda-se de tudo a que foi sujeitada por ordens do chefe da máfia, desde o seu rapto até à ameaça de morte da sua família. Devido a este acumular de situações, a mulher é absolutamente dominada pelo sentimento de raiva, aproveita-se da sua corrente situação e utiliza o sexo para descarregar a sua frustração. Dá-se a reviravolta nos papéis de dominação e submissão e a mulher faz do seu raptor o elemento submisso, agredindo-o e obrigando-o a satisfazê-la a seu bel-prazer. Este, por sua vez, incentiva-a a agredi-lo mais e a recorrer à violência, sendo este elemento a origem de toda a excitação sexual.⁷</p>			

⁷ De referir que esta cena só aparece no livro. No filme, a cena foi adaptada e optou-se por uma cena de *rough sex*, sem recorrer às agressões físicas e à brutalidade ao nível da violência descrita no livro.

<p><i>Prova-me,</i> Lúcia Vaz Pedro (2021)</p>	<p>Abordagem <i>hardcore</i> das cenas sexuais</p>	<p>Abordagem direta de violência doméstica e agressão sexual</p>	<p>Existe relação (ex.: BDSM)</p>	<p>Não há ‘final feliz’</p>
<p>‘Cena Única’</p>	<p>Ao ter crescido num lar onde não havia qualquer tipo de afeto e intimidade entre o pai e a mãe, a personagem principal concluiu que nenhum casamento sobrevive sem sexo. Posto isto, quando a mulher se casa com um homem que preenche todas as suas exigências, ela faz por garantir que o sexo seja algo permanente e recorrente no seu quotidiano. Porém, ao fim de dez anos de casamento, a mulher começa a sentir que o que tem tido já não lhe chega, confessando, inclusivamente, que tem sido um enorme sacrifício não trair o marido. Ao deparar-se com este dilema, ela faz com que seja o marido a querer meter terceiros nas relações sexuais do casal. O homem, por sua vez, apesar de estranhar este desenvolvimento na relação e do seu sentimento de posse exacerbado, aceita experiências como orgias e <i>ménage à trois</i>. No entanto, sem que a sua mulher se aperceba, enquanto ele tem o máximo proveito de todos os elementos envolvidos, garante, também, que ela não é tocada por mais nenhum homem, além dele.</p>			

○ LITERATURA PORNOGRÁFICA:

<p><i>120 Dias de Sodoma</i>, Marquês de Sade (manuscrito original – 1785; edição do livro – 1980)</p>	<p>Abordagem <i>hardcore</i> das cenas sexuais</p>	<p>Abordagem gráfica de cenas de violação sexual, pedofilia, zoofilia, canibalismo, tortura, assassinato, agressão física e psicológica; etc.</p>	<p>Existe relação (ex.: «Enterra o cano de uma espingarda no cu do rapaz, a arma está carregada com chumbo grosso, e acabou de enrabar o garoto. Puxa o gatilho; a arma e seu pau disparam simultaneamente.»⁸)</p>	<p>Final controverso</p>
<p>‘Cena Única’</p>	<p>«[...] O bom padre deteve-me. “Onde vai, Françon”, perguntou. “Arranjar os bancos, Padre”. “Não tenha medo, não tenha medo, sua mãe trata disso”, disse o monge. “Venha, venha comigo”, e levou-me para um aposento escondido perto dali. “Vou mostrar uma coisa que você nunca viu”. Sigo o Padre, entramos, ele fecha a porta, e pondo-se bem na sua frente: “Bem, Françon”, diz, tirando um membro monstruoso de suas calças, um instrumento que quase me derrubou de medo; “diga-me”, continua, ao mesmo tempo que se masturba, “já viu alguma coisa igual a esta?... usa-se para foder, e aquilo que você vai ver, aquilo que vai sair dela num momento ou dois, é a semente da qual você foi criada. Já mostrei à sua irmã. Já a mostrei a todas as meninas de sua idade, dê a sua mão, ajude um pouco, ajude a sair, faça como sua irmã, ela já fez sair umas vinte vezes ou mais... Mostro o meu pau, e depois que julga que eu faço? Salpico meu sémen na cara delas... É minha paixão, minha filha, não tenho outra... e você está quase a assistir”.»⁹</p>			

⁸ SADE, Marquês de (1980). *Os 120 Dias de Sodoma*, p.327.

⁹ Idem, p.62.

○ ROMANCE:

Nome/Data	Sexo	Violência	Relação	Final
<i>Quero-te Muito!</i> , Federico Moccia (2011)	Abordagem <i>softcore</i> das cenas sexuais	Abordagem direta de cenas de agressões físicas, assédio sexual e tentativa de violação	Existe relação (ex.: assédio e tentativa de violação sexual)	Não há ‘final feliz’
‘Cena Única’	<p>Numa das vezes em que o jovem rapaz se recorda da sua ex-namorada, lembra-se da vez em que foi convidado para sua casa. Quando chega ao quarto dos pais dela, encontra-a vestida com as roupas da mãe e a beber champanhe. Após provocá-lo, ela coloca-se em quatro apoios na cama enquanto levanta a saia e implora:</p> <p>«Step, por favor, possui-me com força. Como se eu fosse a minha mãe [pessoa que se opõe ao namoro e não gosta dele], faz-me doer...»¹⁰</p>			

¹⁰ MOCCIA, Federico (2011). *Quero-te Muito!*, p.39.

- MANGA

- HARLEQUIN:

Nome/Data	Sexo	Violência	Relação	Duração e Final
<i>Princess Brides I: The Sultan's Bought Bride</i> , Rin Tanaka, Jane Porter (2009)	Abordagem moderada da cena sexual (com censura)	Abordagem sugestiva de violência doméstica e assassinato	Existe relação (ex.: violência doméstica)	Há 'final feliz' (<i>One-shot</i>)
'Cena Única'	Quando confrontado pelo seu historial de vários envolvimento com outras mulheres, o Príncipe responde que é dever do homem saber como satisfazer sexualmente a sua mulher e poder ensiná-la e ajudá-la nessa área. Afirma, ainda, que não quer que a sua mulher e futura rainha do seu país tenha a mesma reputação que ele tem.			
<i>Dante's Blackmailed Bride</i> , Ellie Misono, Day Leclair (2014)	Abordagem moderada das cenas sexuais (com censura)	Não existe abordagem	Existe relação (ex.: nascimento de uma criança, fruto de adultério)	Há 'final feliz' (<i>One-shot</i>)
'Cena Única'	Todos os membros da família Dante sofrem de uma maldição: sempre que haja contacto físico entre algum familiar e o seu amante predestinado, essa pessoa é invadida por uma sensação chamada 'Inferno'. Essa sensação é a responsável pela enorme vontade de saciar a atração sexual que sentem um pelo outro, não havendo outra alternativa sem ser o envolvimento sexual entre os amantes.			

<p><i>The Dangerous</i> <i>Jacob Wilde</i>, Sachiko Shirai, Sandra Marton (2017)</p>	<p>Abordagem moderada das cenas sexuais (com censura)</p>	<p>Abordagem sugestiva da guerra, mutilação e morte</p>	<p>Existe relação (ex.: rejeição e atrito gera atração e desejo sexuais)</p>	<p>Há 'final feliz' (<i>One-shot</i>)</p>
<p>'Cena Única'</p>	<p>Após receber o rancho do falecido chefe, sua figura paterna, a mulher dirige-se ao local para conhecer o sítio em questão e o homem que a vai ajudar a manter e a cuidar da propriedade. Quando finalmente são apresentados pelos irmãos dele, o protagonista masculino acusa a mulher de ter conseguido o rancho através de um golpe, repetindo-se a situação, agora, com ele. A mulher, enfurecida, atira a sua bebida ao protagonista e retira-se da festa. O ex-militar, por sua vez, ao mesmo tempo que reconhece o seu erro, sente-se atraído pela mulher, levando-o a procurá-la para remediar a situação. Ao encontrá-la, é ameaçado por esta com uma arma, caso não se vá embora. Apesar da ameaça, ele insiste e procura confirmar se, de facto, houve ou não uma tentativa de sedução por parte dela e se a atração que ele sente é ou não recíproca. A protagonista, ao ser confrontada, não resiste mais e entrega-se ao homem e ao desejo sexual que existe entre os dois.</p>			

<p><i>Pregnant With The Prince's Child</i>, Erika Kari, Helen Conrad (2018)</p>	<p>Não existe abordagem</p>	<p>Abordagem sugestiva de gangues, drogas e <i>exploitation</i></p>	<p>Não existe relação</p>	<p>Há 'final feliz' (<i>One-shot</i>)</p>
<p>'Cena Única'</p>	<p>Devido a um acidente grave de motociclo, além de vários ferimentos graves, o homem perde a memória. Ao descobrir que a mulher que cuida dele faz parte dos serviços secretos, pede-lhe para descobrir a identidade da sua esposa. Por ter recebido indicações médicas que a impedem de fornecer informações que possam provocar emoções fortes no homem, ela esconde a sua verdadeira identidade – ela é a esposa.</p>			
<p><i>Australia's Maverick Millionaire</i>, Keiko Yamada, Margaret Way (2020)</p>	<p>Abordagem sugestiva de cena sexual (com censura)</p>	<p>Abordagem moderada de agressões físicas, <i>exploitation</i> e vingança</p>	<p>Existe relação (ex.: adultério)</p>	<p>Há 'final feliz' (<i>One-shot</i>)</p>
<p>'Cena Única'</p>	<p>Quando o casal se prepara para ter a sua primeira noite juntos, depois de anos a nutrirem sentimentos um pelo outro, terminam, contudo, a discutir. O protagonista masculino revela o seu passado traumático, que tanto se esforçou por esconder da mulher de quem gosta, por ter medo que também ela o venha a abandonar. A revelação é feita quando ambos estão despidos, representando a vulnerabilidade de ambas as personagens, tanto pelo passado como por si próprios.</p>			

○ *HENTAI*:

Nome/Data	Sexo	Violência	Relação	Duração e Final
<i>Dropout</i> , Hitori Fanno (2014)	Abordagem <i>hardcore</i> das cenas sexuais (com censura)	Abordagem gráfica de cenas de agressões físicas, <i>bullying</i> e cenas sexuais de sadomasoquismo	Existe relação (ex.: <i>'contentores de esperma'</i> ¹¹)	Há 'final feliz' (1 volume)
'Cena Única'	<p>Com intuito de incentivar e promover uma 'sociedade produtiva', os alunos do género masculino do ensino secundário com melhor aproveitamento são premiados com práticas sexuais. Quem não conseguir a admissão ao ensino superior, é obrigado a começar a trabalhar na escola onde se formou. Se o aluno em questão for fisicamente apelativo, desempenhará trabalho sexual. Os trabalhadores sexuais usam coleiras de forma a serem identificados como 'equipamento' da escola que frequentam – <i>cum dumpsters</i>.</p>			

¹¹ «*Cum dumpster*» FANNO, Hitori (2014). *Dropout*, p. 15. Tradução livre da autora.

<p><i>Secret Recipe</i> 2, Prime (2016)</p>	<p>Abordagem <i>hardcore</i> das cenas sexuais (sem censura)</p>	<p>Abordagem sugestiva de invasão de privacidade e extorsão sexual</p>	<p>Existe relação (ex.: extorsão sexual)</p>	<p>Final Controverso (<i>One-shot</i>)</p>
<p>‘Cena Única’</p>	<p>Ao encontrar a amiga num ato sexual, a mulher decide tirar fotos e utilizá-las para seu próprio benefício. Após a amiga receber as fotos e confrontá-la com a situação, põe finalmente o seu plano em prática: sexo a três, com a ameaça de divulgar as fotos íntimas, caso a amiga em questão não seja a melhor a satisfazer sexualmente o rapaz.</p>			
<p><i>Voyeuristic Disorder</i>, Caviar, Mojoyako (2017)</p>	<p>Abordagem <i>hardcore</i> das cenas sexuais (com censura)</p>	<p>Abordagem sugestiva de invasão de privacidade</p>	<p>Existe relação (ex.: parafília relacionada com assédio sexual através do <i>voyeurismo</i>)</p>	<p>Há ‘final feliz’ (<i>One-shot</i>)</p>
<p>‘Cena Única’</p>	<p>Com o objetivo de ajudar o colega/amigo no seu projeto, um homem aceita utilizar um programa que permite visualizar uma pessoa de roupa íntima em realidade virtual. De forma a melhorá-lo, torná-lo mais eficiente e de obter resultados mais próximos da nudez, este homem decide testar o programa na sua namorada – sem o consentimento desta.</p>			

<p><i>Minami Will Tempt You, Won't She?</i>, Gustav (2018)</p>	<p>Abordagem <i>hardcore</i> das cenas sexuais (com censura)</p>	<p>Não existe abordagem</p>	<p>Não existe relação</p>	<p>Há 'final feliz' (<i>One-shot</i>)</p>
<p>'Cena Única'</p>	<p>Numa das vezes em que o casal se envolve sexualmente, a mulher pede para que o homem não coloque o preservativo, para o poder sentir a ejacular-se dentro dela. Apesar da sua inicial apreensão, o homem cede ao pedido da namorada achando a ideia dela receber o seu sémen, ao ponto de engravidar, extremamente apelativa.</p>			
<p><i>Why Are You Getting Out From There?</i>, Ratatat74 (2020)</p>	<p>Abordagem <i>hardcore</i> das cenas sexuais (sem censura)</p>	<p>Abordagem moderada de assédio sexual, humilhação e trauma psicológico</p>	<p>Existe relação (ex: <i>voyeurismo</i> forçado)</p>	<p>Não há 'final feliz' (<i>One-shot</i>)</p>
<p>'Cena Única'</p>	<p>Desde há muito tempo, o personagem principal masculino está apaixonado pela menina com quem prometeu casar-se quando fossem adultos. Após ter conseguido entrar na faculdade onde a rapariga em questão está matriculada, ele tenta procurá-la e aproximar-se dela, pedindo ajuda a uma das colegas.</p> <p>Contudo, quando a colega o leva à casa da sua amada, ele é convidado a entrar e a assistir – sem ter concordado com tal – a rapariga de quem gosta a ser possuída por um outro colega.</p> <p>Embora esteja horrorizado e destroçado com a situação, ele não consegue evitar atingir o clímax, ao ver o seu amor de infância como nunca tinha visto antes, ao mesmo tempo que se sente humilhado por se ter sentido excitado.</p>			

○ SMUT:

Nome/Data	Sexo	Violência	Relação	Duração e Final
<i>Gakuen Prince</i> , Jun Yuzuki (2009 – 2011)	Abordagem moderada de cenas sexuais (com censura)	Abordagem direta de cenas de <i>bullying</i> e agressões físicas	Existe relação (ex.: recorrer ao <i>bullying</i> para separar casais e punir traições amorosas)	Há ‘final feliz’ (12 volumes, 48 capítulos + extra)
‘Cena Única’	<p>Por ser o aluno mais popular da escola onde os estudantes masculinos são uma minoria absoluta, e dada a enorme competição existente entre as estudantes do género feminino, numa das vezes em que é perseguido, acaba mesmo por ser capturado. Após ser drogado, um grupo de raparigas tenta abusar sexualmente do rapaz com intuito de uma delas conquistá-lo, tornando-se ‘a sua escolhida’.</p>			

<p><i>Hoy Comienza Nuestro Amor</i>, Kanan Minami (2009 – 2012)</p>	<p>Abordagem moderada das cenas sexuais (com censura)</p>	<p>Abordagem direta das cenas de agressões físicas, <i>bullying</i>, violência doméstica e de assédio sexual</p>	<p>Existe relação (ex.: assédio sexual)</p>	<p>Há ‘final feliz’ (15 volumes, 99 capítulos + extra)</p>
<p>‘Cena Única’</p>	<p>Ao acreditar que o protagonista seduziu e violou a sua namorada da altura, o seu antigo melhor amigo procura vingar-se, retribuindo na mesma moeda: violar a atual namorada daquele. A protagonista, após a tentativa de violação, rejeita qualquer contacto físico do protagonista. Ao aperceber-se que ela não acredita na sua inocência, tendo, inclusivamente, medo dele, decide terminar o relacionamento amoroso.</p>			

<p><i>Spell of Desire</i>, Tomu Ohmi (2014 – 2015)</p>	<p>Abordagem moderada das cenas sexuais (com censura)</p>	<p>Abordagem sugestiva de assédio sexual, agressões físicas e tentativa de violação</p>	<p>Existe relação (ex.: <i>sexual exploitation</i>)</p>	<p>Há ‘final feliz’ (5 volumes, 25 capítulos + extra)</p>
<p>‘Cena Única’</p>	<p>Com o propósito de manter o seu poder sob controle, a personagem principal tem de se tornar numa bruxa negra. Para que tal aconteça, três dos requisitos para a sua formação são: a perda da virgindade, ser conhecedora da sua sexualidade e saber satisfazer um homem. Para garantir o sucesso da primeira experiência sexual, as bruxas decidem utilizar afrodisíacos que tornem a mulher mais vulnerável aos seus desejos sexuais e de invocar um <i>incubus</i>¹², considerando o demónio a escolha mais acertada para despertar a sexualidade da mulher.</p>			

¹² *Incubus* (ɪŋkjʊbəs) ou Íncubo (de *Incubare*) é o nome atribuído ao demónio mitológico com forma masculina, conhecido por envolver-se sexualmente com uma mulher nos seus sonhos e/ou enquanto dorme. Para a figura feminina, o nome utilizado é *succubus*. Atualmente, *incubus* é um termo utilizado pela psicologia para definir um tipo de pesadelo que dá uma sensação de opressão ou peso no peito à pessoa que dorme.

<p><i>Over-Cumming Writer's Block</i>, Nae*Awaji (2017)</p>	<p>Abordagem <i>hardcore</i> das cenas sexuais (com censura parcial)</p>	<p>Abordagem sugestiva de cenas de abuso sexual e tentativa de violação</p>	<p>Existe relação (ex.: sexo gerado por ciúmes)</p>	<p>História em desenvolvimento (24 capítulos + extra) [Consult. a 7 de setembro de 2022].</p>
<p>‘Cena Única’</p>	<p>Ao aproximar-se o fim do encontro romântico, a mulher apercebe-se que o homem não quer envolver-se sexualmente com ela. Sem que ela saiba, trata-se duma tentativa dele demonstrar que a valoriza e que pretende ter com ela algo mais do que sexo. Ao achar que ele já não se sente sexualmente atraído por ela, a mulher decide provocá-lo, a fim de obter uma reação, masturbando-se à frente dele, ao que ele acaba por não resistir.</p>			
<p><i>Prone to His Teasing – Driven Wild By My Blind Date's Finger</i>, Korome (2017)</p>	<p>Abordagem <i>hardcore</i> das cenas sexuais (com censura)</p>	<p>Abordagem sugestiva de cenas de <i>bullying</i> e sexo forçado</p>	<p>Existe relação (ex.: <i>sexual exploitation</i>)</p>	<p>História em desenvolvimento (2 volumes na versão japonesa, 13 capítulos na versão inglesa) [Consult. a 7 de setembro de 2022].</p>
<p>‘Cena Única’</p>	<p>Com receio que o seu namorado perca o interesse por ela, por a achar demasiado perversa ou disposta a envolver-se sexualmente com ele, a mulher decide evitá-lo, rejeitando todos os seus avanços.</p> <p>O homem, por sua vez, ao aperceber-se de que ela o evita e que nunca mais se mostrou sexualmente interessada nele, resolve confrontá-la sobre a situação. Ao não obter qualquer resposta honesta, ele acaba por forçar a ‘verdade’ através do corpo dela.</p>			

<p><i>Asking God for a Hubby</i>, Crow (2019)</p>	<p>Abordagem <i>hardcore</i> das cenas sexuais (com censura)</p>	<p>Abordagem moderada de assédio sexual, violência doméstica e assassinato</p>	<p>Existe relação (ex.: <i>sexual exploitation</i>)</p>	<p>Há 'final feliz' (12 capítulos)</p>
<p>'Cena Única'</p>	<p>Ao aperceber-se que a mulher por quem se apaixonou terá sempre um destino trágico, independentemente da quantidade de reencarnações, o espírito da raposa decide arriscar a sua própria existência, aguardando que a mulher retorne numa nova vida e assombrando-a, garantindo que nenhum homem se aproxima. A assombração termina quando a mulher visita o altar em que ele se encontra e pede para que a ajude a encontrar um homem. Nesse momento, o espírito materializa-se e torna-se, por fim, seu namorado, conseguindo obter a energia sexual vital.</p>			

<p><i>Shojo Kon ~Kohinata Fuufu wa Shite Mitai~</i>¹³, Kiichi Kojima, Chizu Aoi (2020)</p>	<p>Abordagem <i>hardcore</i> das cenas sexuais (com censura)</p>	<p>Abordagem sugestiva de assédio sexual</p>	<p>Existe relação (ex.: assédio sexual)</p>	<p>História em desenvolvimento (15 capítulos) [Consult. a 7 setembro de 2022].</p>
<p>‘Cena Única’</p>	<p>Depois de a mulher partilhar com o seu futuro marido o assédio sexual que a traumatizou, ambos decidem voluntariamente darem tempo e espaço necessários a cada um. Um ano após o casamento ‘arranjado’, o casal ainda está por consumir a união matrimonial, a sua primeira relação sexual. Apesar do medo de admitirem a atração sexual mútua, ambos admitem numa conversa sincera o seu desejo e a total inexperiência na área sexual. Deste modo, o marido decide comprar revistas pornográficas, com DVD incluído, e iniciam assim um processo de procura do autoconhecimento e enquanto casal, a nível sexual, numa espécie de ‘aulas práticas de educação sexual’.</p>			

¹³ Uma vez que, até ao momento, não existe uma tradução oficial inglesa, o título referenciado é o da obra original cujo idioma é japonês.

○ *YAOI*:

Nome/Data	Sexo	Violência	Relação	Duração e Final
<i>Carnal Desire</i> <i>Paradox – The</i> <i>Guard Dog</i> <i>Gets Feisty at</i> <i>Night</i> , Silva (2017)	Abordagem <i>hardcore</i> das cenas sexuais (com censura)	Abordagem moderada de <i>exploitation</i> e agressões físicas	Existe relação (ex.: <i>sexual</i> <i>exploitation</i>)	Há ‘final feliz’ (1 volume, 7 capítulos)
‘Cena Única’	<p>Por saber que o seu parceiro sexual acha-o parecido com o colega de trabalho por quem nutre sentimentos, a personagem principal decide vender o seu parceiro sexual e iniciar um <i>roleplay</i>. Finge ser o colega em questão, dando permissão ao parceiro para o chamar pelo nome do colega e tratá-lo como se fosse o mesmo.</p>			

<p><i>I Turned Into a Girl and Turned On All The Knights! – I Need To Have Sex to Turn Back!</i>, Yakan, Misaki Inori (2018)</p>	<p>Abordagem <i>hardcore</i> das cenas sexuais (com censura)</p>	<p>Abordagem direta das cenas de agressões físicas e violação</p>	<p>Existe relação (ex.: violação)</p>	<p>História em desenvolvimento (21 capítulos) [Consult. a 7 de setembro de 2022].</p>
<p>‘Cena Única’</p>	<p>Os três protagonistas descobrem o criador do feitiço e questionam-no sobre o que motivou a sua criação. De forma bastante entusiasmada, responde que foi apenas para servir os seus interesses pessoais, nomeadamente, o de satisfazer o seu fetiche sexual em tornar um homem numa mulher, obrigando-o a ter que recorrer a outro homem para penetrá-lo e receber o seu sémen todas as noites, para que possa voltar à sua forma original.</p>			
<p><i>Platinum Blood</i>, Mor Ichigaya (2020)</p>	<p>Abordagem <i>hardcore</i> das cenas sexuais (sem censura)</p>	<p>Abordagem sugestiva de tentativa de assassinato</p>	<p>Existe relação (ex.: <i>sexual exploitation</i>)</p>	<p>Há ‘final feliz’ (<i>One-shot</i>)</p>
<p>‘Cena Única’</p>	<p>Ainda que a criança abandonada fosse um vampiro, o padre decide adoptá-lo, responsabilizando-se por criá-lo e protegê-lo do povo, afirmando ser ‘filho de familiares seus falecidos’. Apesar da educação ter sido o mais correta possível, o vampiro, já crescido, ao precisar de sangue humano ou qualquer outro fluído corporal para se alimentar, utiliza a sua condição em seu favor, para se envolver sexualmente com o padre. Por esse motivo, certa vez, na igreja, enquanto o padre recebe sexo oral por parte do seu adotado, está a implorar a Deus pelo Seu perdão por estar a cometer pecado e por corromper a Sua casa.</p>			

<p><i>I Know You're Dirty</i>, Kotaru Kashima (2020)</p>	<p>Abordagem <i>hardcore</i> das cenas sexuais (com censura)</p>	<p>Abordagem direta das cenas de confrontos e agressões físicas</p>	<p>Existe relação (ex.: sexo degradante como forma de 'alívio')</p>	<p>Há 'final feliz' (1 volume, 6 capítulos + extra)</p>
<p>'Cena Única'</p>	<p>Devido à sua libido invulgar, sempre que conclui um caso, o polícia sente uma necessidade incontrolável de aliviar a sua tensão/frustração sexual através de masturbação assistida e/ou sexo. Quanto mais agressivo e/ou degradante for o ato sexual, maior o prazer e satisfação sexual.</p>			
<p><i>Dick Fight Island</i>, Reibun Ike (2021 – 2022)</p>	<p>Abordagem <i>hardcore</i> das cenas sexuais (com censura parcial)</p>	<p>Abordagem moderada de <i>exploitation</i> e agressões físicas</p>	<p>Existe relação (ex.: luta sexual pela conquista do poder)</p>	<p>Há 'final feliz' (2 volumes)</p>
<p>'Cena Única'</p>	<p>A cada quatro anos, é coroado o novo rei do arquipélago Pulau Yong'unda. No quarto ano, é realizado o grande torneio onde oito homens, cada um proveniente da sua respetiva ilha, disputam entre si o dito título. É considerado vencedor aquele que ejacular por último. Sendo este o objetivo, a armadura dos intervenientes é focada na zona peniana, não só para os proteger como também para atacar e destruir a armadura do rival.</p>			

- *WEBCOMICS*

- *SMUT*:

Nome/Data	Sexo	Violência	Relação	Duração e Final
<i>Household Affairs, ButcherBOY</i> (2015)	Abordagem <i>hardcore</i> das cenas sexuais (com censura)	Abordagem gráfica de cenas de assassinato, tortura e violação sexual	Existe relação (ex.: violação)	Há 'final feliz' (78 capítulos)
'Cena Única'	<p>Apaixonada pelo seu colega de trabalho, a mulher decide assaltar a casa dele, na tentativa de matar a sua esposa.</p> <p>Apesar de não ter calculado apanhá-los a meio do ato sexual, a mulher pretende aproveitar a ocasião para levar a sua avante, uma vez que a esposa está de olhos vendados. Com medo de que a sua profissão seja descoberta, o homem nocauteia a esposa.</p>			
<i>An Innocent Sin, Oh Gye</i> (2016)	Abordagem <i>hardcore</i> das cenas sexuais (com censura)	Abordagem gráfica de cenas de assassinato, tortura e violação sexual	Existe relação (ex.: violação)	Há 'final feliz' (3 temporadas, 117 capítulos + <i>side story</i>)
'Cena Única'	<p>Devido a um ataque de ciúmes, o rapaz é, mais uma vez, drogado e violado pela sua irmã adotiva e por outros elementos. na presença desta.</p> <p>A violação e abuso sexual realizam-se com o conhecimento e consentimento da mãe adotiva.</p>			

<p><i>Sadistic Beauty</i>, Geumsan Lee, Yeonhui Woo (2016)</p>	<p>Abordagem <i>hardcore</i> das cenas sexuais (com censura)</p>	<p>Abordagem gráfica de violação, abuso físico e psicológico, relações tóxicas</p>	<p>Existe relação (ex.: BDSM; <i>sexual exploitation</i>)</p>	<p>Final controverso (2 temporadas, 117 capítulos + <i>side story</i>)</p>
<p>‘Cena Única’</p>	<p>Apesar de terem passado seis anos desde a última vez que estiveram juntos, a protagonista nunca esqueceu a humilhação de ter sido rejeitada pelo homem amado. Ainda dominada pelos sentimentos de raiva e de ódio, a mulher engana o agora professor catedrático e fá-lo acreditar que ela irá envolver-se sexualmente com um dos seus alunos. Rejeitando completamente a ideia de ela envolver-se sexualmente com outro homem, o professor desloca-se ao motel para impedir que tal aconteça. Contudo, acaba refém dela, completamente à sua mercê. É humilhado, equiparado a e tratado como um animal, vítima de abuso sexual e de tortura física e psicológica, como forma de punição. No final do ato, após o homem ter atingido o clímax, a mulher despede-se dele, atirando-lhe dinheiro, afirmando que se divertiu bastante com ele e, portanto, merece ser recompensado pelo seu trabalho árduo, pagando pelo seu ‘serviço’.</p>			

<p><i>Talk to Me</i>, Eunbyul (2016)</p>	<p>Abordagem <i>hardcore</i> das cenas sexuais (com censura)</p>	<p>Abordagem moderada de cenas sexuais de sadomasoquismo</p>	<p>Existe relação (ex.: a dor física enquanto fonte de prazer sexual)</p>	<p>História em desenvolvimento (6 temporadas, 115 capítulos) [Consult. a 7 de setembro de 2022.]</p>
<p>‘Cena Única’</p>	<p>Após uma discussão entre o casal, a mulher aproveita que o namorado se dirige à varanda para fumar e tranca-o no exterior, tirando partido da situação para provocá-lo através de <i>striptease</i>. Uma vez que não lhe é permitido tornar a entrar, o namorado decide aceder à casa através da porta principal, recorrendo à varanda do vizinho. Devido à provocação sexual de que foi alvo, o homem resolve retaliar, atando as mãos dela e tendo sexo com ela, de forma agressiva, usando-a até alcançar a sua satisfação sexual plena.</p>			
<p><i>Did My Biceps Turn You On?</i>, Takayama Koba (2018)</p>	<p>Abordagem <i>hardcore</i> das cenas sexuais (com censura)</p>	<p>Abordagem sugestiva de agressão física e <i>bullying</i></p>	<p>Existe relação (ex.: sexo movido por ciúmes)</p>	<p>História em desenvolvimento (123 capítulos) [Consult. a 7 de setembro de 2022].</p>
<p>‘Cena Única’</p>	<p>Durante uma pesquisa feita através do computador do namorado, a mulher descobre vídeos pornográficos, guardados nos arquivos. Apesar de o homem insistir em apagar os vídeos, ela pede para ver e pergunta-lhe se gosta de ver aquele tipo de vídeos ao que ele responde que os vê, imaginando-a a replicar aquilo que é praticado na pornografia. A mulher, após ouvir a explicação dele, decide satisfazer o namorado, praticando a cena que viu: sexo oral.</p>			

<p><i>Fire in His Fingertips: A Flirty Fireman Ravishes Me with His Smoldering Gaze</i>, Tanishi Kawano (2018)</p>	<p>Abordagem <i>hardcore</i> das cenas sexuais (versão japonesa com censura, versão americana sem censura)</p>	<p>Abordagem moderada de cenas de agressões físicas e sexo agressivo</p>	<p>Existe relação (ex.: sexo agressivo movido por ciúmes)</p>	<p>História em desenvolvimento (133 capítulos, 8 volumes na versão japonesa, 4 volumes na versão inglesa) [Consult. a 7 de setembro de 2022].</p>
<p>‘Cena Única’</p>	<p>Numa visita à casa dos pais, a filha e o seu amigo de infância são convidados a passarem a noite, acabando por partilhar o mesmo quarto. Ao encarar a situação como uma oportunidade, o amigo provoca-a sexualmente, ao mesmo tempo que a lembra dos tempos em que eles eram crianças e brincavam juntos naquele quarto. Ao relembrar as memórias em questão, ele reforça o contraste entre as brincadeiras que tinham, enquanto crianças, das ‘brincadeiras’ que têm no presente, enquanto adultos.</p>			

<p><i>Gentleman or Beast?</i>, Sigma Torai (2018)</p>	<p>Abordagem <i>hardcore</i> das cenas sexuais (com censura)</p>	<p>Abordagem direta de rapto, tráfico humano, tentativa de homicídio e agressões físicas</p>	<p>Existe relação (ex.: abuso sexual e tentativa de violação)</p>	<p>Há ‘final feliz’ (36 capítulos)</p>
<p>‘Cena Única’</p>	<p>Regressando a casa após um dia de trabalho, a mulher é drogada e raptada, a fim de ser leiloadada no mercado negro. É, no entanto, salva por um homem que paga dez vezes mais o preço que o vencedor do leilão pagou por ela. A caminho da casa do seu novo comprador, o estimulante torna-se insuportável, levando a mulher a implorar ao seu proprietário para que a ajude a aliviar ‘a dor’. O homem não resiste ao pedido da mulher, afirmando não ser tão cavalheiro como deveria ser.</p>			
<p><i>Say You Love Me</i>, KIRA, KIMPA (2019)</p>	<p>Abordagem <i>hardcore</i> das cenas sexuais (com censura)</p>	<p>Abordagem sugestiva de <i>bullying</i>, depressão e sexo forçado</p>	<p>Existe relação (ex.: <i>sexual exploitation</i>)</p>	<p>Há ‘final feliz’ (8 capítulos)</p>
<p>‘Cena Única’</p>	<p>Sabendo que o seu futuro projeto cinematográfico envolveria cenas sexuais, a modelo usa esse pretexto para pedir ao seu agente, o homem por quem está secretamente apaixonada, para ensinar-lhe tudo o que sabe sobre sexo. Este pedido é feito na esperança de que o seu amor platónico a veja, finalmente, como uma mulher.</p>			

<p><i>Lost Things</i>, KIRA, KIMPA (2020)</p>	<p>Abordagem <i>hardcore</i> das cenas sexuais (com censura)</p>	<p>Abordagem gráfica de suicídio, <i>sexual exploitation</i>, abuso verbal e psicológico</p>	<p>Existe relação (ex.: prostituição)</p>	<p>Há 'final feliz'. (32 capítulos.)</p>
<p>'Cena Única'</p>	<p>Sendo do conhecimento público, as festas e orgias supostamente secretas planeadas e geridas pelo CEO da companhia <i>Taesung Electronics</i>, a personagem principal desiste dos seus sonhos e torna-se prostituta, a fim de chegar até ele e vingar-se do homem em questão, responsável pelo suicídio do falecido namorado. Passados três anos desde que pôs o plano em marcha, ela consegue finalmente entrar em contacto com ele. Terminada a primeira experiência sexual intensa a três e com uso de drogas, o CEO e o seu amigo chegado, bastante agradados, decidem negociar com a prostituta um contrato de exclusividade com duração de três meses.</p>			

<p><i>The Sultan's Love,</i> GGONG, chyomchyom (2022)</p>	<p>Abordagem <i>hardcore</i> das cenas sexuais (com censura)</p>	<p>Abordagem gráfica de assassinatos e agressões físicas</p>	<p>Existe relação (ex.: filho assassina o pai, o atual Sultão, para poder apropriar-se de uma das mulheres do seu harém e torná-la sua esposa)</p>	<p>Há 'final feliz' (17 capítulos)</p>
<p>'Cena Única'</p>	<p>Após esperar pacientemente que a mulher recupere dos seus ferimentos e venha até ele por iniciativa própria, o agora sultão tem finalmente a sua primeira noite com a mulher por quem se apaixonou. Com o que não contava, dado ela ser uma das mulheres do harém do seu pai, era que, ao penetrá-la, surgisse sangue, prova inequívoca de que a sua futura esposa estava a ser tocada por um homem pela primeira vez. Ao aperceber-se que a mulher é inteiramente dele, o sultão é completamente dominado pelos sentimentos de possessão e de excitação sexual, não tendo qualquer tipo de controlo na força exercida durante o ato sexual.</p>			

○ *YAOI*:

Nome/Data	Sexo	Violência	Relação	Duração e Final
<i>BJ Alex, Mingwa</i> (2017)	Abordagem <i>hardcore</i> das cenas sexuais (com censura)	Abordagem gráfica de cenas de agressões físicas, cenas sexuais de sadomasoquismo e violência no namoro	Existe relação (ex.: a dor física enquanto fonte de prazer sexual)	Há ‘final feliz’ (83 capítulos + extra + <i>side story</i>)
‘Cena Única’	Um casal deambula pelo parque – espaço público – numa espécie de passeio matinal. Um dos elementos veste apenas um casaco para cobrir o seu corpo nu e o vibrador que tem colado ao pénis, cuja intensidade é controlada pelo seu ‘mestre’. O objetivo do passeio é cumpri-lo, sem que alguém descubra o que está a acontecer. Concluindo a volta com êxito, o ‘submisso’ recebe uma recompensa.			
<i>Painter of The Night, Byeonduck</i> (2019)	Abordagem <i>hardcore</i> das cenas sexuais (com censura)	Abordagem gráfica de cenas de violação, agressão física e terror psicológico	Existe relação (ex.: violação; síndrome de Estocolmo)	História em desenvolvimento (3 temporadas, 103 capítulos + <i>special story</i>) [Consult. a 7 de setembro de 2022].
‘Cena Única’	Ao entender que será sempre odiado pelo pintor, não importa o que faça, o nobre decide procurar e matar o homem de quem aquele gosta. O pintor, ao aperceber-se da intenção do nobre, impede-o de continuar a sua busca, implorando para que não mate o homem em questão. Cedendo às súplicas do pintor, o nobre ordena que o satisfaça através de sexo oral, em troca de poupar a vida do outro homem.			

<p><i>Reincarnated Into Demon King Evelogia's World, Io Kaziwara (2020)</i></p>	<p>Abordagem <i>hardcore</i> das cenas sexuais (com censura)</p>	<p>Abordagem moderada de cenas de agressões físicas e assassinato</p>	<p>Existe relação (ex.: masoquismo)</p>	<p>História em desenvolvimento (57 capítulos) [Consult. a 7 de setembro de 2022].</p>
<p>‘Cena Única’</p>	<p>Ao reencarnar numa das personagens do seu jogo de infância, protagonista tem finalmente a oportunidade de se relacionar com a sua personagem favorita, o vilão final.</p> <p>Por ser tão obcecado e sexualmente atraído pelo vilão e seu poder destrutivo, o homem chega a implorar-lhe para que o destrua, mate e não tenha piedade dele, durante os envoltimentos sexuais.</p>			

<p><i>Sadistic Beauty: Side Story B</i>, Geumsan Lee, Yeonhui Woo (2021)</p>	<p>Abordagem <i>hardcore</i> das cenas sexuais (com censura)</p>	<p>Abordagem gráfica de cenas de agressão física, violação e tentativas de homicídio</p>	<p>Existe relação (ex.: violação)</p>	<p>História em desenvolvimento (29 capítulos) [Consult. a 7 de setembro de 2022].</p>
<p>‘Cena Única’</p>	<p>Após sete anos de tentativa-erro do agressor em encurralar a vítima para que não tenha outra opção senão recorrer a si, a personagem principal consegue por fim o que quer. Dada a oportunidade e a vulnerabilidade da vítima, o homem aproveita a situação para violar, raptar e manter a sua ‘presa’ refém em sua casa. Como forma de garantir que ele não foge de casa na sua ausência, o agressor acorrenta-o com uma coleira de ferro e parte-lhe o pé, por ele ter conseguido fugir da última vez. Esta obsessão da personagem principal pelo outro homem surgiu no dia em que o viu no seu estado mais miserável, situação essa que suscitou a enorme excitação e vontade de o possuir que perdura até então.</p>			

○ YURI:

Nome/Data	Sexo	Violência	Relação	Duração e Final
<i>Albino & Witch – Palely’s Diary</i> , Mitsueyn (2018)	Abordagem <i>hardcore</i> das cenas sexuais (com e sem censura)	Abordagem sugestiva de <i>exploitation</i>	Existe relação (ex.: ‘amor tóxico’)	História em desenvolvimento (7 capítulos) [Consult. de 2021].
‘Cena Única’	Concluídos catorze anos de idade, a personagem principal confessa-se à sua mãe adotiva, sendo imediatamente rejeitada. Desde então, a personagem principal decide drogá-la com uma ‘poção do amor’, uma vez que todos os seus avanços sexuais foram recusados até ao momento. Após cinco anos de tentativas-erro, a bruxa, completamente dominada pelos seus impulsos e instintos mais primais, cede, finalmente, ao desejo e envolve-se sexualmente com a sua ‘filha’.			
<i>Sadistic Beauty: Side Story A</i> , Geumsan Lee, Yeonhui Woo (2021)	Abordagem <i>hardcore</i> das cenas sexuais (com censura)	Abordagem sugestiva de violação sexual	Existe relação (ex.: sadomasoquismo)	Há ‘final feliz’ (17 capítulos)
‘Cena Única’	Ainda que o objetivo seja treinar uma cena no clube de teatro da faculdade, a protagonista não consegue evitar sentir-se sexualmente atraída pela sua colega de clube, durante a atuação. Uma vez que a cena em questão trata-se de um nobre a forçar a mulher a ter relações sexuais com ele, a protagonista aproveita o contexto para despertar o lado <i>Dominatrix</i> na colega, para seu próprio proveito. A colega, ao perceber as intenções da protagonista, capitula aos seus desejos e envolvem-se sexualmente, dando continuidade ao <i>roleplay sub-dom</i> .			

Escala e legenda de cores:

Nível 1	Nenhuma abordagem ao tema
Nível 2	Abordagem sugestiva ao tema
Nível 3	Abordagem moderada ao tema
Nível 4	Abordagem direta ao tema
Nível 5	Abordagem gráfica/detalhada ao tema

ANEXO C – GLOSSÁRIO

O presente glossário reúne todos os termos utilizados ao longo do trabalho de projeto e alguns termos populares na cultura oriental e internacional no âmbito da banda desenhada, literatura e animação.

Anime, derivado do termo ‘*animeshōn*’ à semelhança da palavra inglesa ‘*animation*’, é o nome atribuído a todas animações produzidas no Japão, desde televisivas, vídeos de animação originais a cinematográficas.¹⁴

Background, palavra inglesa usada para descrever o passado das personagens que não é necessariamente descrito na história. Este passado é responsável por conferir profundidade e complexidade a determinada personagem.

Borderline Hentai ou **Borderline H** traduz-se literalmente como “na fronteira do *hentai*”. Uma história é considerada no ‘limite de se tornar *hentai*’ quando existe abordagem a situações de cariz sexual – carícias, nudez, posições comprometedoras e/ou preliminares – que fazem prever um ato sexual sem, contudo, ocorrer, de facto, a penetração e respetivo coito. Este tipo de conteúdo pode ser equiparado à prática sexual *edging*, uma vez que ambos aproximam-se de uma determinada finalidade sem nunca atingi-la, sendo o foco de toda ação a provocação (*teasing*). A expressão é usada apenas para descrever o nível de sugestão sexual do conteúdo em questão e não como um género/subgénero. Sugere-se como exemplo deste tipo de leitura *To Love Ru* (YABUKI, Kentaro; HASEMI, Saki, 2006).

Boys’ love (ボーイズラブ) ou sua sigla, **BL**, é o termo de eleição da cultura japonesa, em substituição de *yaoi*, para identificar romances homossexuais masculinos, habitualmente, ainda que não exclusivamente, feitos por mulheres para mulheres de todas as idades. Esta categoria abrange todo o tipo de trabalhos: comerciais ou

¹⁴ Cf. BRENNER, Robin E. (2007). *Understanding Manga and Anime*, p.293.

amadores; eróticos ou sem qualquer alusão sexual; trabalhos em qualquer tipo de mídia.¹⁵

Character Development é uma expressão utilizada para definir o processo de crescimento de uma personagem. Este processo é definido pela mudança de atitude numa personagem, resultante de um conjunto de acontecimentos decorridos ao longo da história que, de alguma forma, afetaram a forma de pensar e de atuar da mesma.

Dark é o nome de um subgénero atribuído a todas as obras que abordam e exploram graficamente, geralmente a um nível extremo, temas considerados para maiores de idade que possam entristecer, assustar ou traumatizar o consumidor. As obras em questão envolvem representações explícitas de morte e assassinato; situações de tragédia, de horror ou de sobrenatural; ‘jogos psicológicos’; e cenas de envolvimento sexual explícito. A característica que mais define este tipo de leitura é o nível elevado de violência presente na história. Devido à natureza da história, além de ser acompanhada de *trigger warnings*, a obra é considerada imprópria para a indústria *mainstream*.

Drama é um dos géneros mais antigos que, no âmbito da arte, toma vários significados. O termo é aplicado a histórias de carácter sério e que representam cenas complicadas e/ou trágicas, potencialmente emotivas e dolorosas, num contexto compatível com situações da vida real. No caso de *mangas* deste género, o foco são as emoções de determinada personagem e a sua evolução.¹⁶

Dōjinshi ou *Doujinshi* (同人誌), é o termo japonês para *fanfiction*. A palavra surge como definição para trabalhos publicados pelo próprio autor/fã, a fim de os distinguir de trabalhos publicados pela indústria editorial tradicional. Este ramo teve início nos anos ‘70, com um enorme crescimento durante os anos ‘80. Este ramo desempenhou um papel crucial na divulgação e subsequente interesse da cultura ocidental pela cultura e arte nipónicas.¹⁷

¹⁵ Cf. BRENNER, Robin E. (2007). *Understanding Manga and Anime*, p.294.

¹⁶ Cf. Anime Planet (2021). *Drama Manga*. Disponível em URL: <https://www.anime-planet.com/manga/tags/drama> [Consult. a 7 de julho de 2021].

¹⁷ Cf. KINSELLA, Sharon (2000). *Adult Manga*, p.105.

Ecchi (エッチ), termo cuja origem não é clara, acreditando-se, porém, que seja uma derivação da palavra *hentai*, uma vez que, em japonês, a sua consoante ‘h’ tem o som de ‘etchi’, significando em tradução livre ‘obsceno’. As histórias deste género são caracterizadas pelas situações de cariz sexual sem representação sexual explícita, apenas sendo abordadas situações com alusões sexuais ‘acidentais’ e que, geralmente, ocorrem num contexto cómico. Ou seja, alguma personagem ou alguma cena vai ter uma conotação sexual – roupa mais sensual ou situações de *wardrobe malfunction*, carícias acidentais como, por exemplo, através de quedas de personagens em locais sugestivos como o colo ou o peito – sem a intenção de dar continuidade à respetiva cena até um desfecho sexual. Neste género, é ainda utilizada simbologia sexual, tal como o velho conhecido sangramento nasal, como uma forma de mostrar que a personagem em questão se excitou com o que presenciara a ponto de causar uma hemorragia via nasal, devido à pressão alta. *Ecchi*, dado o seu conteúdo sensual, aproxima-se muito ao conteúdo caracterizado como *fanservice*.¹⁸

Ero, proveniente da palavra ‘erotica’, serve para identificar *manga* erótica onde exista preocupação estética nas cenas sexuais, tornando-as não tão pornográficas quanto as de *hentai*.¹⁹

Fanart – ‘arte do fã’ – são trabalhos artísticos produzidos por fãs para fãs. Geralmente, os artistas são amadores e não remunerados, tratando-se apenas de uma apreciação de uma personagem com direitos autorais. As *fanarts* são um método de criação de novos cenários e situações para uma determinada personagem. Com o crescimento da *fanart* e a ascensão de artistas que as produzem, muito se discute relativamente à legalidade da comercialização deste género de trabalhos.

Fanfiction ou **Fanfic** – ‘ficção do fã’ – é um termo global utilizado para definir trabalhos literários (amadores ou profissionais) realizados por fãs. Esses trabalhos têm por base completar, continuar ou criar novos cenários, situações e/ou relações que os fãs desejavam que tivesse acontecido nalguma obra de eleição com direitos autorais.²⁰

¹⁸ Cf. BRENNER, Robin E. (2007). *Understanding Manga and Anime*, p.295.

¹⁹ Cf. Idem, p. 295.

²⁰ Cf. Ibidem, p.295.

Fanservice (ファンサービス), sendo sua tradução literal ‘serviço de fãs’, é a expressão utilizada para definir conteúdo criado para satisfazer os pedidos de determinado grupo de fãs, nomeadamente de foro sexual. Por outras palavras, o objetivo da *fanart* é oferecer aos fãs exatamente aquilo que querem, como por exemplo, uma personagem despida e/ou posicionada de forma sugestiva. Este termo teve origem no fã-clube de *manga* e *anime* japonês, tendo sido depois utilizado e adaptado a outros meios.²¹

Girls’ love (ガールズラブ) ou **GL**, termo de substituição de *yuri*, é um género literário sobre romances entre mulheres. À semelhança de *Boys’ love*, GL engloba todo o tipo de trabalhos.

Harem, é um género de *mangas* e/ou *animes* que consiste num grupo de personagens fisicamente apelativas competirem pelo amor e a exclusiva atenção de uma personagem masculina. Este género pode ser sexualmente sugestivo (*ecchi*) ou explícito (*smut/hentai*). Um exemplo deste tipo de leitura é *Negima! Magister Negi Magi* (AKAMATSU, Ken, 2004).²²

Hentai (変態), os dois caracteres em japonês significam 変 (*hen*; "mudança", "estranho", ou "esquisito") e 態 (*tai*; "aparência" ou "condição") o que se pode traduzir geralmente por “perversão”. Abreviação de *hentai seiyoku* (変態性欲) “perversão sexual”. No Japão, este termo não é aplicado para definir um género; contudo, serve para descrever qualquer tipo de ato ou comportamento considerado sexualmente bizarro. Na cultura ocidental, o termo foi adaptado para definir ‘desenhos japoneses’ (*manga* ou *anime*) que representam cenas sexuais explícitas ou censuradas, com pouca preocupação estética.²³

Horror é um género que procura provocar o medo no espectador/leitor, através da exploração de medos primários utilizando, no caso do *anime*, música e efeitos sonoros e/ou apenas imagens perturbadoras, caso se trate de *manga*.

²¹ Cf. BRENNER, Robin E. (2007). *Understanding Manga and Anime*, p.295.

²² Cf. Idem, p.297.

²³ Cf. Ibidem, p. 297.

Josei é o género que define banda desenhada oriental tipicamente desenhada por mulheres e para mulheres adultas. As narrativas deste género geralmente estão centradas em questões/problemas de uma mulher adulta, nas relações interpessoais, nomeadamente as românticas e/ou sexuais com homens fisicamente atraentes e no *character development* da heroína – mais confiante, mais sensual, mais independente, etc. Relativamente às cenas sexuais, o grafismo varia conforme a *mangaka*, podendo ser apenas sugestivo ou explícito.²⁴

Lemon ('limão'), proveniente da terminologia usada em *fanfiction*, é o termo utilizado para identificar uma história que contenha cenas sexuais explícitas entre homens.

Lolicon ou *Roricon* (ロリコン) é o termo atribuído a *doujinshis* onde são sexualizadas meninas pré-pubescentes para um público masculino. Existe confusão entre conteúdo *Loli*, que se foca na abordagem de diversas situações pelos olhos de uma menor de idade, e *Lolicon*, onde, de facto, se acompanha a obsessão de um indivíduo que procura relacionar-se com uma menor de idade.²⁵

Mainstream é uma «corrente cultural ou ideológica que é mais divulgada ou dominante em determinado local e período; criado para ser vendido ou divulgado em grande escala.»²⁶

Manga (漫画), cuja tradução literal é 'banda desenhada', é o nome atribuído a todas as bandas desenhadas, desde revistas a livros, produzidas no Japão. Aos artistas de banda desenhada, atribui-se o nome de *mangakas*.²⁷

Manhua (漫画), também 'banda desenhada', corresponde ao termo que identifica bandas desenhadas produzidas na China. O artista de banda desenhada identifica-se como *manhuajia*.²⁸

²⁴ Cf. BRENNER, Robin E. (2007). *Understanding Manga and Anime*, p.35.

²⁵ Cf. ARCHER, Helder (2019). *O que é Loli! O que é Lolicon? A ONU tem razão em proibir o género?*. Disponível em URL: <https://www.otakupt.com/anime/o-que-e-loli-o-que-e-lolicon-a-onu-tem-razao-em-proibir-o-genero/> [Consult. a 7 de julho de 2021.]

²⁶ “Mainstream” in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008-2021. Disponível em URL: <https://dicionario.priberam.org/mainstream> [Consult. 09 de março de 2021].

²⁷ Cf. BRENNER, Robin E. (2007). *Understanding Manga and Anime*, p.300.

Manhwa (만화), ‘banda desenhada’ como significado literal, é o termo utilizado para identificar bandas desenhadas coreanas. Geralmente, está implícito que são obras sul-coreanas. No entanto, tem-se notado no surgimento e crescimento de bandas desenhadas norte-coreanas.²⁹

Mature é um gênero ou uma informação prestada ao consumidor para que saiba que está a lidar com conteúdo para adultos. Ainda que seja para maiores de idade, pode abordar temáticas com potencial de ferir susceptibilidades, o que torna necessária a explicação mais concreta daquilo que a obra aborda. As temáticas podem variar entre nudez e atos sexuais explícitos, representações realistas de violência e de sangramento, linguagem forte/obscena e ideologias que geram controvérsia e conflitos.³⁰

NSFW ou **Not Safe/Suitable For Work**, cuja tradução literal é ‘Não Seguro/Apropriado Para Trabalho’, é uma expressão utilizada para identificar qualquer conteúdo impróprio, nomeadamente violento, ofensivo e/ou sexual. Esta sigla serve igualmente como um alerta para os utilizadores de internet, apelando à prudência do visualizador, de forma a evitar um possível constrangimento ao aceder ao material em questão num momento em que, por exemplo, esteja acompanhado.

Neko (ネコ) é um termo japonês que, no gênero *yuri*, serve para identificar o elemento ‘submisso’ e/ou ‘passivo’ do casal.

Netorare (寝取られ) ou **NTR** é um gênero literário cujo foco é a infidelidade num ou mais relacionamentos amorosos/afetivos.

Omegaverse é um subgênero de *manga* erótica bastante popular no Japão. Originalmente proveniente da literatura erótica da *fanfiction*, são representados seres humanos com condições similares aos dos animais, com a particularidade de os homens também poderem engravidar. Nestas obras, é usada a mesma hierarquia no mundo

²⁸ Cf. GANIKO, Priscila (2020). *As diferenças entre mangá, manhua e manhwa*. Disponível em URL: <https://jovemnerd.com.br/direto-do-bunker/as-diferencas-entre-manga-manhua-e-manhwa/> [Consult. a 7 de julho de 2021.]

²⁹ Cf. Idem.

³⁰ Cf. DeviantArt Support (2021). *What is Mature Content?*. Disponível em URL: <https://www.deviantartsupport.com/en/article/what-is-mature-content-453216> [Consult. a 7 de julho de 2021.]

animal para descrever a sociedade nesta ficção. A humanidade divide-se em três faixas, a ‘A’ (Alfa), a ‘B’ (Beta) e a ‘O’ (Omega), respetivamente, os dominantes, os neutros e os submissos. Neste subgénero, as personagens experienciam o sio e conseguem detetar feromonas de outrem. Quando uma personagem é invadida pela ‘onda de calor’, ela só consegue acalmar com a toma de supressores, masturbação ou ao envolver-se sexualmente com o seu ‘par destinado’, sendo esta última a forma mais eficaz.

One-shot, cuja tradução literal é ‘um tiro’, é o termo atribuído a obras que, pelo seu tamanho, são consideradas uma literatura rápida, podendo ser consumidas na íntegra de uma assentada apenas. Geralmente, a história é contada num capítulo ou volume apenas.

Orange (‘laranja’), proveniente da terminologia usada em *fanfiction*, é o termo utilizado para identificar uma história que contenha cenas sexuais explícitas entre mulheres.

Otaku é o termo japonês que, no Japão, é atribuído com uma conotação negativa a indivíduos considerados *nerds* e *geeks*; na cultura ocidental, é atribuído a consumidores e entusiastas da cultura japonesa, nomeadamente *manga* e *anime*.³¹

Psychological é o termo utilizado para definir uma obra que explora a psicologia humana em diferentes estados, situações e intensidades. É um género complexo, impactante e, por vezes, potencialmente perturbador. Os monólogos internos são cruciais para se acompanhar o processo mental de uma personagem em determinada situação de conflito, desde a procura de soluções até ao estado de ‘insanidade’.³²

R18 é o nível atribuído a obras que contenham cenas sexualmente explícitas a um nível extremo e que, portanto, não são apropriadas para consumo de um público menor de dezoito anos.³³

Reverse Harem é exatamente o mesmo que *Harem*, porém o alvo das atenções é uma mulher e o grupo que luta pelo seu amor é composto por homens.

³¹ Cf. BRENNER, Robin E. (2007). *Understanding Manga and Anime*, p. 301.

³² Cf. Anime Planet (2021). *Psychological Anime*. Disponível em URL: <https://www.anime-planet.com/anime/tags/psychological> [Consult. a 7 de julho de 2021].

³³ Cf. BRENNER, Robin E. (2007). *Understanding Manga and Anime*, p. 91.

Seinen é o mesmo que *shounen* (vide abaixo), só que numa versão mais adulta. Este gênero contém personagens adultas a lidar com problemas próprios da sua faixa etária, onde as personagens masculinas têm características de ‘herói’ como sobrancelhas vincadas, uma personalidade austera e um passado obscuro. Quanto às personagens femininas, a sua figura é sensual – formato de ampulheta – e quase sempre estão envolvidas numa cena de nudez. As temáticas variam entre cenas de ação e combate com violência explícita, cenas de conteúdo sensual e/ou sexual e situações de sacrifício, dever, honra e heroísmo.³⁴

Seme (攻め) é um termo japonês que, no gênero *yaoi*, serve para identificar o elemento ‘dominante’ e/ou ‘ativo’ do casal. É um termo derivado do verbo *semeru*, que significa ‘atacar’, palavra utilizada nas artes marciais que depois foi adaptada ao contexto sexual.

Slice of Life (*nichijou*), cuja tradução literal é ‘fatia de vida’, é um termo utilizado para caracterizar e descrever uma obra que relata e representa situações do cotidiano como fonte de entretenimento. Na cultura japonesa, *slice of life* é um gênero literário cujo foco é a vida de adolescentes e jovens adultos ou as relações interpessoais, podendo ser em contexto escolar ou laboral. Este gênero representa uma grande parte do mercado de *manga*, contrastando com a indústria americana de banda desenhada.³⁵

Shōjo ou *Shoujo*, que designa ‘meninas’/ ‘de meninas’, é um gênero de *manga* dirigido a adolescentes e jovens adultas. Nestas histórias, o foco são as relações interpessoais, nomeadamente as românticas, e abordam-se questões próprias da adolescência. As protagonistas, além de serem fisicamente belas e vestirem roupas detalhadas e elaboradas, são bondosas, determinadas e empáticas. Quanto ao seu par romântico, também ele é um jovem belo e esbelto, com traços atléticos.³⁶

³⁴ Cf. BRENNER, Robin E. (2007). *Understanding Manga and Anime*, p. 33.

³⁵ Cf. Idem, p.112 e 113.

³⁶ Cf. Ibidem, p.34.

Shōjo Ai ou *Shoujo Ai*, literalmente ‘Girls’ love’ / ‘amor de meninas’, é o termo utilizado pela cultura oriental para identificar obras onde se explora a parte emocional do romance entre mulheres.³⁷

Shōnen ou *Shounen* significa ‘meninos’/ ‘para meninos’, termo simples para dar nome ao género como forma de saber-se de antemão que a história em questão aborda assuntos destinados e do agrado de um público-alvo masculino mais novo. Os protagonistas são adolescentes com atitude de ‘nunca desistas’, de sorriso vistoso e sobrelhas espessas. Relativamente às personagens femininas, são desenhadas a seguir a definição de *fanservice*. As temáticas geralmente variam entre ação, desporto, situações de honra, heroísmo, determinação e trabalho de equipa.³⁸

Shōnen Ai ou *Shounen Ai*, cuja tradução literal é ‘amor de meninos’, é o termo original para romances homossexuais masculinos, geralmente, não explícitos. Este termo foi posteriormente substituído pela sua tradução, *Boys’ love* ou *BL*. Este termo é utilizado na cultura ocidental para identificar obras que se dedicam à exploração mais emocional da relação homossexual masculina.³⁹

Shota, servindo o mesmo propósito que *lolicon*, é o termo japonês atribuído a *doujinshis* onde são sexualizados meninos pré-pubescentes. Estes trabalhos não são de consumo *mainstream*.⁴⁰

Smut, termo derivado da palavra alemã “*Schmutzan*”, cujo significado é “corromper” ou “fazer obscenidades”. É utilizado para designar conteúdo que representa ou descreve cenas sexuais explícitas em qualquer tipo de meio, podendo ser profano ou ofensivo para algumas pessoas. No caso de *manga*, normalmente são obras realizadas por mulheres para mulheres e o foco deste género é a sedução e crescimento da tensão sexual que leva à tão antecipada cena sexual.⁴¹

³⁷ Cf. BRENNER, Robin E. (2007). *Understanding Manga and Anime*, p.304.

³⁸ Cf. Idem, p. 31.

³⁹ Cf. Ibidem, p. 135.

⁴⁰ Cf. Ibidem, p.304.

⁴¹ Cf. Anime Planet (2021). *Smut Anime*. Disponível em URL: <https://www.anime-planet.com/anime/tags/smut> [Consult. a 7 de julho de 2021].

Tashi (立ち, 夕子) é um termo japonês que, no gênero *yuri*, serve para identificar o elemento ‘dominante’ e/ou ‘ativo’ do casal.

Trigger Warnings é uma informação fornecida antecipadamente a fim de avisar o espectador/leitor para conteúdo que seja potencialmente perturbador. Este conteúdo pode ser um estímulo que desencadeie uma reação negativa por lembrar ou relacionar-se com uma experiência traumática. Geralmente, o teor é de natureza sexual ou alguma forma de violência. A informação em questão serve como forma de um indivíduo decidir entre prosseguir após preparação mental e emocional ou, simplesmente, escolher não interagir com determinado conteúdo.⁴²

Uke (受け) é um termo japonês que, no gênero *yaoi*, serve para identificar o elemento ‘submisso’ e/ou ‘passivo’ do casal. É um termo derivado do verbo *ukeru*, que significa ‘receber’, palavra utilizada nas artes marciais que depois foi adaptada ao contexto sexual.

Underground manga é um tipo de banda desenhada japonesa que não segue as regras da indústria *mainstream*, tornando-se assim num trabalho independente. Estas obras têm temáticas desde a exploração de emoções e sua introspeção à exploração de fantasias sexuais para todos os gostos.⁴³

Violence é o termo utilizado para caracterizar uma obra que contenha uma forma extrema de agressão física ou psicológica que cause dano ou que tenha a intenção de magoar. Em *manga* há vários tipos de conteúdo violento, sendo adaptado ao público-alvo a que se destina. No caso de o público-alvo ser adulto, as representações de violência são explícitas, sendo possível assistir-se a desenhos realistas de mutilações, desmembramentos, execuções, mortes e muito sangramento.⁴⁴

Webcomic é uma banda desenhada cuja publicação é feita exclusivamente na internet. Por este ser o meio de eleição, a banda desenhada é adaptada para que a sua

⁴² Cf. Centre for Teaching Excellence, University of Waterloo (2021). *Trigger Warnings*. Disponível em URL: <https://uwaterloo.ca/centre-for-teaching-excellence/trigger> [Consult. a 23 de novembro de 2021].

⁴³ Cf. BRENNER, Robin E. (2007). *Understanding Manga and Anime*, p.37.

⁴⁴ Cf. Anime Planet (2021). *Explicit Violence*. Disponível em URL: <https://www.anime-planet.com/anime/tags/explicit-violence> [Consult. a 7 de julho de 2021].

leitura seja realizada verticalmente – de cima para baixo – através da rolagem (*scroll*), tornando-a mais fluida e eficaz.

Webtoon (웹툰) é o termo utilizado para identificar *webcomics* coreanos, nomeadamente produzidas na Coreia do Sul.⁴⁵

Yaoi (やおい) é um termo japonês cuja tradução literal é “sem clímax, sem ‘moral da história’, sem significado”. Começou por ser utilizado para identificar trabalhos amadores realizados por fãs (*doujinshis*) cuja temática é o romance entre homens, de diferentes níveis de conteúdo sexual explícito, sem, contudo, grande profundidade em termos de narrativa. Por ser associado a trabalhos de pouca qualidade, no Japão, o termo passou a ser considerado ofensivo e depreciativo, sendo substituído por *Boys’ love*. Atualmente, o termo foi adaptado pela cultura ocidental para identificar obras de romance homossexual masculino com cenas sexuais explícitas. Considera-se o sexo feminino o público-alvo destas publicações.⁴⁶

Yuri (百合), sendo ‘lírio’ a sua tradução literal, é o termo japonês que, tal como *Yaoi*, é utilizado para identificar *doujinshis* de romances e/ou cenas de sexo entre mulheres. *Yuri*, quando comparado a *shoujo ai*, representa, porém, obras cujo nível de sexo explícito é mais elevado. Ao contrário de *yaoi*, este género não tem um público-alvo definido, podendo ser, inclusive, adicionados momentos *yuri* em obras cujo público-alvo é infantil.⁴⁷

⁴⁵ Cf. GANIKO, Priscila (2020). *O fenómeno das webtoons, os quadrinhos digitais sul-coreanos*. Disponível em URL: <https://jovemnerd.com.br/direto-do-bunker/o-fenomeno-das-webtoons-os-quadrinhos-digitais-sul-coreanos/> [Consult. a 7 de julho de 2021.]

⁴⁶ Cf. BRENNER, Robin E. (2007). *Understanding Manga and Anime*, p.306.

⁴⁷ Cf. Idem, p. 306.